

MUFUNDZISI:

aquele que faz estudar, que ensina, professor



VANIA APARECIDA MARTINS BERNARDES

VANIA APARECIDA MARTINS BERNARDES

MUFUNDZICI:

aquele que faz estudar, que ensina, professor

UBERLÂNDIA

2025

VANIAAPARECIDA MARTINS BERNARDES

MUFUNDZICI:

aquele que faz estudar, que ensina, professor

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal – UFU, como parte dos requisitos para a promoção da classe de Professor Associado IV à classe Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme art. 3º da Portaria do MEC nº 982, de 03 de Outubro de 2013, e a Resolução nº 03/2017, de 09 de Junho de 2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia.

Processo SEI: 23117.026659/2025-41

UBERLÂNDIA/MG

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B522m Bernardes, Vania Aparecida Martins, 1965-
2025 MUFUNDZICI [recurso eletrônico] : aquele que faz estudar, que
 ensina, professor / Vania Aparecida Martins Bernardes. - 2025.

 Tese Acadêmica (Promoção a Professor Titular) - Universidade
Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Humanas do Pontal.
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2026.537>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Ciências Humanas do Pontal. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Ciências Humanas do Pontal
Rua Vinte, 1600 - Bairro Tupã, Ituiutaba-MG, CEP 38304-402
Telefone: (34) 3271-5247 - www.ich.ufu.br



ATA

ATA DE AVALIAÇÃO DOCENTE PARA A PROMOÇÃO DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADA IV PARA A CLASSE DE PROFESSORA TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR

Ao vigésimo quinto dia do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco às quatorze horas, auditório 5R-CD da Universidade Federal de Uberlândia, campus Santa Mônica, reuniu-se a Comissão Especial de Avaliação, nomeada pela Portaria de Pessoal UFU Nº 4608, de 09 de julho de 2025, aprovada pela diretora do Instituto De Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, Profa. Dra. Gerusa Gonçalves Moura, constituída pelos membros titulares: **Profa. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro** – Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como presidente, Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca, da Universidade Estadual de São Paulo- Unesp; Prof. Dr. José Carlos Souza Araujo, da Universidade De Uberaba – Uniube, e Profa. Dra. Teresa Maria Alfredo Manjate, da Universidade Eduardo Mondlane-UEM. Tendo como membros Suplentes os seguintes docentes: Profa. Dra. **Gercina Santana Novais, da Universidade De Uberaba – Uniube e Prof. Dr. Jose Benedito de Almeida, da Universidade Federal de Uberlândia**, para apresentação e defesa pública de Relatório de Pesquisa elaborado especificamente para a finalidade da promoção da Profa Dr. Vânia Aparecida Martins Bernardes, professora efetivo do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia. Aos vinte e um dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco foi divulgado no site do Instituto de Ciências Humanas do Pontal a constituição da Comissão Especial de Avaliação supracitada. A data da avaliação pública foi definida para o vigésimo quinto dia do mês de julho do corrente ano, quatorze horas. Após cuidadosa análise e aprovação do Relatório de Atividades da docente pelo órgão deliberativo máximo da Unidade, o Relatório de Pesquisa foi enviado aos membros da Comissão Especial para análise. Dando prosseguimento à avaliação para promoção da Classe de Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, ao vigésimo quinto dia do mês de julho do corrente ano, quatorze horas, no auditório supracitado, a Profa. Dra. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela representando a Diretora do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Profa. Dra. Gerusa Gonçalves Moura, fez a apresentação da Comissão Especial, a apresentação da candidata e o agradecimento da presença do público. Feito isso, foi concedida a palavra para a Presidente da Comissão Especial Profa. Dra. **Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro**. A Presidente iniciou a sessão pública e concedeu a palavra a candidata Profa. Dra. Vânia Aparecida Martins Bernardes para exposição da defesa pública de relatório de pesquisa. Após a defesa, os membros da Comissão arguiram a candidata e, em seguida, avaliaram o relatório de pesquisa, em consonância com a Resolução 003/2017 do Conselho Diretor. Tendo por base os resultados das avaliações, que foram discutidas pelos membros da Comissão, na ausência da candidata e observando a Resolução 003/2017 do Conselho Diretor da UFU, em seu Art. 7º a Comissão Especial, após as devidas considerações e em face do resultado obtido, considerou a candidata, Profa. Dra. Vânia Aparecida Martins Bernardes, APROVADA. Sugerindo, as seguintes observações: a publicação do relatório de pesquisa em formato de livro ou artigo. A Comissão Especial encerrou suas atividades às 16:45 e nada mais havendo a tratar, a presente ata foi lavrada, lida e após aprovada, segue assinada pelos membros da referida Comissão.

Ituiutaba, 25 de julho de 2025.

Portaria de Pessoal UFU Nº 4608, de 09 de julho de 2025

Profa. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro (UFU) – presidente

Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca (UNESP)

Prof. Dr. José Carlos Souza Araujo (Uniube)

Profa. Dra. Teresa Maria Alfredo Manjate (UEM)



Documento assinado eletronicamente por **Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/07/2025, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Teresa Maria Alfredo Manjate, Usuário Externo**, em 04/08/2025, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Carlos Souza Araujo, Usuário Externo**, em 05/08/2025, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dagoberto José Fonseca, Usuário Externo**, em 05/08/2025, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6548841** e o código CRC **E02C1197**.

Resumo

Este estudo analisa o desenvolvimento profissional associado à docência no Ensino Superior, com base nos primeiros professores da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo, Moçambique. Os objetivos compreendem como se dão os processos de apropriação e de atribuição de valores e significados à família, à infância, às tradições e à política. Há ainda a exposição da visão individual de agentes fazedores de educação, por meio da metodologia da história oral de vida, com base em entrevistas realizadas com professores pioneiros da UEM logo após a Independência do país, em 1975, em um contexto de profunda transformação social e política, marcado pela reconstrução nacional e pelas tensões da guerra civil. A questão central foi: Quem são esses professores? O que aconteceu na trajetória de vidas que os tornou professores? Por que são considerados importantes intelectuais na construção do “novo homem” — conceito ligado ao ideal de cidadão revolucionário e à formação de uma identidade nacional pós-colonial? A partir dessas constatações, foram extraídas narrativas que desvelaram conceitos sobre Africanidades, educação e formação docente, apontando situações vivenciadas socialmente, culturalmente e politicamente que possibilitaram sua construção, constituição e desenvolvimento profissional, passando a orientar, transformar e intervir na realidade. Esse estudo nos ajuda a promover novos conhecimentos e saberes de matrizes africanas. Além disso, demonstra como essa mesma visão entrelaçou o contexto coletivo com a visão de Estado e de Educação, bem como suas interações sociais e econômicas, diante da formação docente inserida em um cenário marcado por guerras, dores, luto, fome, mas também por certezas, vitórias e incertezas.

Palavras-chave: Formação docente no Ensino superior; Universidade Eduardo Mondlane (UEM); Moçambique; Desenvolvimento profissional; Africanidades; Intelectuais africanos; Pós-colonialismo;

Abstract

This study analyzes the professional development associated with university teaching, based on the first professors of the Eduardo Mondlane University (UEM) in Maputo, Mozambique. The objectives encompass how processes of appropriation and attribution of values and meanings to family, childhood, traditions, and politics occur. It also presents the individual perspective of transformative agents of education, through the methodology of oral life history, based on interviews conducted with pioneering UEM professors shortly after the country's Independence in 1975, within a context of profound social and political transformation marked by national reconstruction and the tensions of civil war. The central questions were: Who are these professors? What happened in their life trajectories that made them professors? Why are they considered important intellectuals in the construction of the "new man" — a concept linked to the ideal of the revolutionary citizen and the formation of a post-colonial national identity? From these findings, narratives were extracted that unveiled concepts related to Africanities, education, and teacher training, highlighting socially, culturally, and politically experienced situations that enabled their construction, constitution, and professional development, thereby guiding, transforming, and intervening in reality. This study contributes to promoting new knowledge and wisdom rooted in African matrices. Furthermore, it demonstrates how this same perspective intertwined the collective context with the vision of State and Education, as well as their social and economic interactions, in light of teacher training situated within a scenario marked by wars, pain, grief, hunger, yet also by certainties, victories, and uncertainties.

Keywords: Teacher training; Higher education; Eduardo Mondlane University (UEM); Mozambique; Oral life history; Professional development; Africanities; African intellectuals; Post-colonialism; Professional identity.

SUMÁRIO

Parte 1- Apresentação

1.1 – Introdução9

1.2 - Metodologia, Memória e História 13

Parte 2- Moçambique: contextualização histórica e as ingerências17

Parte 3- Os sujeitos pesquisados: infância, família e escola22

3.1 - Províncias e línguas maternas 24

3.2 - Infâncias e famílias: assimilados e não assimilados 28

3.3 - Escola para branco, escola para negro33

Parte 4- De aluno a professor: as trajetórias 38

4.1 Sonhos e obstáculos: ser professor? O 08 de março41

4.2- Consolidação da docência 46

4.3 - Movimentos, impasses, conflitos, rupturas e êxitos 57

Parte 5- Considerações finais.....73

Parte 6- Referências75

Parte 1- Apresentação

1.1 - Introdução

No contexto atual de internacionalização do conhecimento e globalização da informação, no qual se apresentam inovadores e importantes desafios à educação, as discussões e reflexões sobre docência no Ensino Superior precisam promover o estabelecimento de redes de diálogo e a cooperação entre os pesquisadores, com o propósito de enfrentamento às questões étnico-raciais no âmbito acadêmico.

É naturalizada, no Brasil, a ideia de resistência à incorporação de conteúdos didáticos oriundos do Continente Africano, e que os docentes brasileiros do Ensino Superior não incorporam nas práticas educativas ações e informações que reconheçam a contribuição de saberes e conhecimentos da matriz africana.

Pesquisas de renomados pesquisadores no Brasil, tais como Cavalleiro (2000), Munanga (2004) e outros, demonstram a defasagem do ensino de História e Cultura Afro - Brasileira e Africana mesmo em um cenário acadêmico que avançou de forma linear.

A temática discutida sobre Docência ainda reproduz os preconceitos, práticas discriminatórias que deveria ajudar a desconstruir visão única da história, seja pelo conservadorismo do sistema educacional elitista, racista e excludente, que privilegia conteúdos eurocêntricos¹, mostrando-se pouco sensível às necessidades de transformação de uma sociedade educacional tão desigual como a brasileira.

Observa-se em outros autores, tais como Gomes (2000), Luz (2000), Fernandes (1978) que historicamente evidenciam mecanismos e estratégias jurídicas, políticas e econômicas que sedimentaram o processo de exclusão da população negra do sistema educacional brasileiro.

O pensamento do pesquisador Gonçalves e Silva (2003), trata o multiculturalismo como algo semelhante ao jogo das diferenças, pois as normas são desenhadas por grupos dominantes que vivenciam a discriminação e preconceito em diferentes contextos socioculturais. As quais, em geral, priorizam conhecimentos e

saberes que não representam a diversidade do povo brasileiro. No cenário educacional brasileiro há comportamento de desvalorização, e até mesmo ridicularização da cultura de matriz africana sem a real compreensão das crenças, valores, história, hábitos e expressões de origem africana no qual estão inseridas.

Esses pesquisadores impulsionam reflexões e ações no cotidiano escolar, indo além do silêncio acerca da questão étnico-racial e das situações que eventualmente ocorrem, e possibilitando um cenário de reelaboração das relações que se estabelecem dentro e fora do campo educacional.

Dentro desse contexto esta pesquisa é fruto da inquietação de discutir os elementos das africanidades² sob o ponto de vista dos docentes africanos de Moçambique.

Durante as narrativas os docentes destituíram valores eurocêntricos enraizados em sua concepção de mundo sob o olhar do colonizador. Esboçaram suas concepções de docência por si mesmos, se mostraram intelectuais a partir de uma visão contextualizada do processo de formação identitária de nação, de sociedade e de lutas em Moçambique, a partir do momento de sua independência de Portugal ocorrida em 1975 e, também em guerras pós-período colonial.

Trata-se de uma região que luta pela sua integração regional e internacional. O processo de integração na área de educação está alicerçado no Protocolo de Cooperação assinado pelos Ministros de Educação em 1997, que enfatiza as intenções dos Estados membros no processo de integração regional e mundial em diversos aspectos, com ênfase na Educação do Ensino Superior. Atualmente por contemplar acordos comerciais, educacionais e ser membro junto ao Brasil da Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP. No que diz respeito ao Ensino Superior, Moçambique também é membro da Comunidade Para o Desenvolvimento da África Austral – SADC. Nesta perspectiva, desloquei em 2013 para cumprir o estudo de Pós-doc na capital-cidade de Maputo em Moçambique, campo da pesquisa onde residem os sujeitos /docentes-objeto desse estudo. E, fiz a coleta de outros depoimentos de professores das séries iniciais, secundários, visitas as diversas escolas e outras temáticas correlatas. Entretanto aqui priorizo o recorte sujeitos professores na Universidade Eduardo Mondlane. Alguns questionaram o porquê retratar algo concretizado em 2013. Não estaria um material defasado? Pelo contrário.

Esta aparente contradição é fundamentada no pensamento de Proust (2020), argumenta que o tempo histórico é carregado de sentido social, comum ao um grupo coletivo que varia de acordo com a sociedade no acontecimento e, não tempo em horas, estático, físico, calendários e preso a datas cronológicas.

O trabalho expõe a visão individual e como essa mesma visão entrelaçou no contexto do coletivo, estado e nação em determinado contexto com retratos de si mesmo, de como se tornaram professores e suas interações sociais e econômicas em

cenários de guerras, seja durante o processo de independência ou no pós - independência.

O tema central deste estudo compreende o desenvolvimento profissional atribuído à docência no Ensino Superior na Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique, primeira universidade pública do país.

Os objetivos são compreender como se dão os processos de apropriação, atribuição de valores e significados á família, infância, tradições, política, alegrias, entusiasmo e desencanto dos/as participantes envolvidos/as nesse contexto sendo os docentes da primeira e, por longo período, a única Universidade pública do país. E ainda apontar situações vivenciadas socialmente, cultural e economicamente que possibilitaram a constituição e o próprio desenvolvimento profissional como docentes.

Interesses científicos foram manifestos na realização dessa pesquisa pela Universidade Eduardo Mondlane que forneceu toda infra-estrutura física, material para a concretização dessa pesquisa. Houve momentos de incertezas tais como; Quem são os docentes depoentes? Como contactá-los? Assim o Centro de Estudos Africanos/CEEA viabilizou minha filiação, credenciamento e participação em todos os eventos associados à universidade para facilitar o acesso a obras, apoio esse fundamental, para a imersão e conhecimento das diversas modo de ser e fazer das culturas moçambicanas. Assim sendo, o que marca a relevância científica da pesquisa, é a contribuição de investigar e recuperar aspectos históricos, políticos e educacionais de Moçambique

Portanto, as questões que se colocam são: Quem são os docentes do Ensino Superior em Maputo, na universidade pública Universidade Eduardo Mondlane? O que aconteceu nas suas vidas que fizeram com que se tornassem professores? O que aconteceu na trajetória desses sujeitos que hoje são reconhecidos como importantes intelectuais no Ensino Superior construtores de um “novo homem”, em um país que fora colonizado até 1975? Dentre outras.

Assim sendo, a investigação contempla os diferentes modos de construção e reconstrução das vidas singulares e profissionais de cada docente pesquisado a respeito das experiências vividas nas interações sociais que mediam a relação delas com a formação docente passando a orientar, transformar e intervir na realidade.

O fio condutor da discussão consiste nas narrativas sobre Africanidades, Educação e a formação docente. Tal delimitação teve como base os fatos relevantes de sujeitos em que a atuação docente apontou situações vivenciadas social, cultural, política e economicamente que possibilitaram sua constituição e o seu próprio desenvolvimento profissional.

Compreender o porquê e como tais elementos foram constituídos e construídos nos ajuda a promover novos conhecimentos e saberes de matrizes africanas.

1.2 METODOLOGIA

Com o tema da pesquisa em foco e o período definido de entrevistas realizadas no mês de junho a setembro de 2013, em Maputo, foram trilhados os pressupostos dos caminhos metodológicos, ou seja, a história oral, em que são retomadas questões importantes, discutidas por alguns pesquisadores como Haguette (1992), Meihy (1996), Nóvoa (1995), Benjamin (1985), Vansina (1985) e Grotta (2000).

A história oral, considerada ora como método, ora como técnica, enquadra-se como metodologia de investigação apropriada para alcançar as metas propostas desta pesquisa. Através das narrativas dos docentes, tornou-se possível compreender como os sujeitos pesquisados se constituíram e construíram suas experiências na condição de docentes no Ensino Superior, com as narrativas, depoimentos e entrevistas orais que esclarecem determinados temas.

Nesse sentido, a história oral lança a vida, via narrativas, para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Grotta nos adverte que;

Na história de vida, quem dirige o depoimento, quem decide O QUE deve ser narrado e COMO, é o informante. Ele é quem coordena a narrativa segundo suas reminiscências e julgamento do que seja interessante contar. Neste sentido, acrescenta-se não só como aquele que contém a informação-caso do depoimento- mas também como aquele que detém o controle da narração. As interferências do pesquisador são mínimas, pois, na coleta de dados, o que interessa é a experiência do sujeito (informante). E tudo que é relatado interessa ao pesquisador, uma vez que auxilia a explicar e contextualizar a existência do depoente (GROTTA, 2000, p.39).

O pesquisador Antonio Nóvoa, é defensor da ideia de que precisamos redimensionar o campo da investigação educativa, olhando com mais atenção para o fazer/ser docente:

Depois de três décadas consagradas à análise da externalidade dos processos educativos, sublinhando a longa duração das suas mudanças e das suas continuidades, chegou o tempo de olhar com mais atenção para a internalidade do trabalho escolar, nomeadamente nos momentos de conflito e ruptura (NÓVOA, 1995, p. 3).

Mesmo que os dados tenham sido apenas informalmente analisados, é possível afirmar que os encontros apresentaram-se como um espaço de convivência com a diversidade que possibilitou o diálogo com os diferentes modos de ser e de viver, concepção de vida, de mundo e de homem, principalmente, sobre novas

possibilidades de aprender e ensinar uns com os outros e promover a valorização de diferentes saberes e conhecimentos. São professores ecoando sua “voz e vozes” em narrativas que constituem/constituíram a essência do ser humano durante a docência.

Desvelaram-se valores perdidos e retomadas de tradições invisibilizadas no processo de colonização e diáspora africanas em suas especificidades. No início das investigações houve a tentativa de compreender as categorias preliminares nas formas dos povos africanos de Moçambique verem o mundo, a fim de promover a discussão das relações étnico-raciais, com base na afirmação das diferenças que foram fortemente desqualificadas pela perspectiva eurocêntrica do colonizador.

Assim outro universo foi se descortinando, pelos seus próprios sujeitos, que com suas narrativas que entrelaçaram suas vidas profissionais docentes com cenários de guerras, revoluções e esperança.

Para a realização da pesquisa, realizou-se levantamento documental em periódicos dos referidos momentos mencionados pelos sujeitos pesquisados, material bibliográfico e de entrevistas, na busca de conhecimento do contexto social, econômico da situação do país envolvendo a trajetória desde a infância até se tornarem docente no Ensino Superior da Universidade Eduardo Mondlane..

Com o objetivo de estabelecer categorias para dar clareza textual e entendimento, foram realizadas reordenações das falas, tiradas da ordem trazida pela transcrição original e a organização do texto final.

Trata-se de narrativas permeadas por subjetividades, contradições e conflitos, pontos de vistas parciais, que possibilitaram leituras e interpretações diversas. Daí o caráter construtivo desta pesquisa.

As palavras de Dominicé (1990) confirmam a possibilidade de construir novos conhecimentos, utilizando as histórias orais como uma abordagem metodológica confiável para produzir análises:

A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação. Por isso, a prática de educação define o espaço de toda reflexão teórica. O trabalho do investigador e dos participantes num grupo biográfico não é da mesma natureza, na medida em que ele possui mais instrumentos de análise e uma maior experiência de investigação. Mas trata-se do mesmo objecto [sic] de trabalho. Dito doutro modo, o saber sobre a formação provém da própria reflexão daqueles que se formam. É possível especular sobre a formação e propor orientações teóricas ou tradicionais que não estão em relação com os contextos organizacionais ou pessoais. No entanto, a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva social, política ou histórica e de mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como o adulto viveu as situações concretas do seu

próprio percurso educativo (1990, p.167).

Com o registro das histórias orais, dos testemunhos de diferentes gerações de professores do Ensino Superior de Moçambique, foram analisadas as mudanças ocorridas nos processos de apropriação do conhecimento acumulado ao longo dos anos, de formação e constituição da carreira.

Para Benjamin *"o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria ou a relatada pelos outros"* (1985, p.201), e incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes. Trata-se de um processo em que o narrador é o sujeito, personagem da história, e o registro, a passagem do oral para o escrito, faz parte da história que está sendo construída pelo narrador e pelo historiador-ouvinte.

Dessa forma, os docentes lembraram de acontecimentos que têm mais significado para suas vidas, tanto no plano pessoal como profissional. Essas lembranças balizaram suas trajetórias pessoais e profissionais. Para Araújo:

Quando evocamos o passado, no esforço de lembrarmos de alguma coisa, algum acontecimento, situações vivenciadas, o fazemos com nosso olhar do tempo presente que, por sua vez é marcado pelas posições, lugares, que ocupamos no contexto social. Vivemos em sociedade e, ao longo de nossa existência participamos de grupos sociais que vão deixando marcas em nosso caminho, que vão caracterizando o nosso caminhar. Estas marcas são definidoras de nossas lembranças. Não lembramos sozinhos, pois, cada mundo individual é povoado por outros, provindos de outras pessoas (ARAÚJO.2005, p.51).

Para o estudioso Samuel, "a evidência oral é importante para a história local não apenas como uma fonte de informação, mas pelo que faz para o pesquisador" (SAMUEL, 1990, p. 273), pois pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita e fazendo novas revelações ao pesquisador.

As entrevistas foram transcritas logo após a sua realização, pois as lembranças dos diálogos, da interação, das conversas informais, dos detalhes do encontro estavam recentes na memória. Na tentativa de não perder momentos importantes, foram feitas diversas anotações/lembretes, questionamentos com o propósito de ter um instrumento auxiliar, buscando registrar, desde os primeiros contatos com cada entrevistado, dados a seu respeito, fatos e informações que, por alguma razão não foram gravados.

Houve a manutenção, na primeira versão transcrita dos vícios de linguagem, repetições, expressões locais, de falas, choro e suspiros. Para marcar os enunciados

incompletos, nos momentos de silêncio ou divagações, foram utilizadas reticências, pontuação, aspas, parênteses e travessões aplicadas de acordo com o padrão linguístico utilizado no Brasil. Embora todas as entrevistas originais estejam em Português de Portugal.

Este trabalho está organizado em seis partes:

Nesta primeira parte **Apresentação** foi feita a **introdução do assunto**, discorrendo sobre a **metodologia** e as respectivas fundamentações teóricas.

Na **parte 2** é feita a contextualização histórica de Moçambique e as suas ingerências - expondo de forma breve o resumo da formação da nação até o período colonial ressaltando os impactos administrativos, econômicos e sociais. Acima de tudo com destaque para os temas relacionados à discriminação racial como elemento de controle social e projeto hegemônico do colonizador.

Na **parte 3** são mostrados os sujeitos pesquisados e como rememoram as relações pautadas na família, língua, infância e escola. Locais, significados, questões políticas, discriminação e racismo são questões envolvidas nas narrativas orais.

Em seguida, na **parte 4** discute-se as trajetórias e seus marcos na constituição de aluno à professor. As influências e rupturas ocorridas no processo de aprendizagem escolar, além de abordar os cenários de guerra e docência. O 08 de Março como uma data histórico-política no contexto educacional do país e o ideário de um novo homem. As trajetórias estudantis e docentes, destacando os desafios enfrentados e as possibilidades de atuação de cada um.

Por fim a **parte 5** apresenta as considerações finais da pesquisa.

Parte 6 - Referências

Parte 2

Moçambique:

Contextualização histórica e as ingerências

Moçambique, palavra de origem incerta, mas atribuída por muitos ao nome de um antigo governante e comerciante árabe, do período pré-colonial “Mussa Bin Bique” ou “Musa Al – Bik”. Quando os portugueses chegaram neste território chamaram a ilha de Moçambique, a região e o país localizado no Sudeste da África, Moçambique. Há diversos povos no país com vários grupos étnicos, em média 20 diferentes grupos e subgrupos com identidade, ritos, tradições e com mais de 40 línguas nacionais próprias, além das derivações. E com aspectos culturais que apresentam diferentes modos de ver, entender, compreender e contar a criação do mundo e de Moçambique, com destaque no imaginário popular, uma delas acontece, principalmente através dos povos Macuas (Norte de Moçambique). (acesso em 1/04/25 .<https://pt.wikipedia.org>)

A mitologia difundida pelo maior grupo étnico do país, Macua, alega que a criação do mundo surgiu com a existência do deus supremo criador do céu, terra e lua. Posteriormente, criou de barro um homem e uma mulher. Devido a desobediência em abrir a cabaça misteriosa saíram as sementes da doença e tudo de mal que existe no mundo. Esse deus se afastou e foi morar no céu e viu que o homem não estava preparado para adquirir a sabedoria e deixou a impressão de um deus que está distante.

Essa mitologia, entre tantas outras, ajuda a perpetuar as diversidades das línguas maternas, seus modos de ser, viver e experienciar as tradições com diferenças regionais, hábitos, gênero, faixa etária e costumes tão necessários ao desenvolvimento das relações sociais dos grupos através da oralidade. Essa relação entre a aprendizagem no cotidiano e a mitologia auxilia na elaboração das descobertas, interação social e abrange conceitos abstratos da espiritualidade, natureza e meio ambiente, assim, conhecê-los é fundamental para a construção sólida de culturas locais e regionais.

Durante décadas nações europeias foram progressivamente conquistando o continente africano. Mas até 1880 apenas as regiões costeiras haviam sido ocupadas pelos europeus.

Diante do crescente interesse no continente foi realizado um evento diplomático envolvendo países europeus, representantes dos EUA e do Império Otomano, chamado “Conferência de Berlim”, entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, com o objetivo de discutir: “a liberdade de comércio na bacia e no estuário do rio Congo; a liberdade de navegação nos rios Congo e Níger; e as formalidades que deveriam ser cumpridas para que novas ocupações na costa da África fossem consideradas efetivas” (CIÊNCIA, 2022). Após o evento a disputa para colonizar o continente africano se acirrou.

A colonização de Moçambique (MZ) se deu pela conquista militar, por Portugal, num processo que durou mais de duas décadas (1886-1918), devido à forte resistência de seu povo. Houve ocupação militar, administrativa e econômica, com forte interesse na mão de obra africana.

As províncias foram cedidas para diminuir custos, por causa da escassez de capital português. Assim o sistema administrativo foi implantando em diferentes fases no país.

Por exemplo, nas áreas de resistência mais prolongada, ou de acesso difícil, a primeira etapa efetivou-se através da ocupação militar quase permanentemente (capitanias-mores na província de Nampula e partes de Zambézia, comando militar em Gaza). Noutros lugares, como, por exemplo, na província de Maputo em 1896, o governo colonial passou diretamente à divisão do território em circunscrições civis, que, de um modo geral, deram origem aos atuais distritos. Nestas divisões foram instalados os administradores e chefes de posto portugueses, bem como régulos africanos, escolhidos pelo regime colonial, em substituição aos antigos chefes. A partir de 1907, este sistema substituiu gradualmente a administração militar em Gaza, Zambézia e Nampula. (ARAÚJO e SILVA, 1975.p. 2).

O Estado Português implementou nova forma de expressão militar, administrativa e econômica. Com vigilância permanente dos deslocamentos dos indivíduos, vigilância administrativa com a instituição de posto e administradores portugueses, em substituição aos antigos chefes tradicionais religiosos ou não estabelecidos em cada setor das comunidades locais. E econômica, com posto de chefes portugueses, para aproveitar a força de trabalho dos africanos e obrigando-os a trabalharem para pagar o imposto da palhota e adquirir roupa de trabalho. A produção

familiar camponesa foi transformada como base para a acumulação da economia colonial, gerou lucros a estabelecimentos de comerciantes asiáticos e europeus.

O período colonial foi responsável pela baixa densidade populacional, devido à invasão militar, ao trabalho forçado submetido à população, fome, fugas maciças, epidemias e emigração para África do Sul e outras colônias que tinham salários melhores, além disso o recrutamento para a I Guerra Mundial provocou milhares de mortes.

A economia de Moçambique foi reestruturada para atender os interesses da burguesia europeia, para tal portugueses investiram no processo de urbanização com centros administrativos, industriais e comerciais, principalmente, em Lourenço Marques, atual cidade/capital de Maputo.

Além da burguesia europeia havia o campesinato como camadas principais no período colonial. Com o desenvolvimento das cidades e a emigração, em busca de trabalho, emergem mais duas camadas sociais: a de trabalhadores qualificados e semiquualificados; e outra da pequena burguesia. Camadas essas que foram logo divididas em negros e mestiços de um lado; e brancos de outro. Esta divisão intensificou mecanismos de construção e perpetuação da discriminação racial, como instrumento de controle social. Os privilégios e mordomias foram concedidos a população branca comercial, local e a burguesia que vivia na Europa. Os colonizadores no fim do século XIX diziam “o negro não era e não devia ser igual ao cidadão português.

Efetivamente, os negros, chamados de indígenas pelos colonizadores, foram forçados a trabalho obrigatório com inúmeras tentativas de tolher a escolha livre de emprego. Vários regulamentos foram criados para controlar os trabalhadores negros, por exemplo: foram obrigados a portar “um certificado ou um disco metálico, a chapa, com o número do seu passe”

Alguns regulamentos trabalhistas legais constantemente sofriam mudanças e eram aplicados apenas em condições desfavoráveis aos indígenas para assegurar a condição de subordinados, temos como exemplo a falta de permissão de organizações sindicais, a distribuição das melhores terras para os brancos, os africanos não podiam ter acesso ao mercado central. Assim os trabalhadores brancos conseguiam os melhores postos com privilégios. O racismo institucionalizou-se na população negra, principal objeto de exploração e ferramenta geradora de recursos para os colonizadores.

A partir de 1945 intensificaram-se os movimentos de luta contra o colonialismo, mesmo diante do impedimento de formação de movimentos políticos dentro e fora do país.

No final do ano de 1960 instituiu-se por todo o país, e em outros países africanos, os movimentos anticolonialistas: União Democrática Nacional de Moçambique - UDENAMO; Movimento Nacional de Moçambique; Mozambique African National Union – MANU; União Nacional Africana de Moçambique Independente- UNAMI; Movimento Anti – Colonialista – MAC e outros. Países como Gana, Guiné, Egito e Marrocos, Argélia apoiaram a luta contra o colonialismo português. Os massacres de populares de Mueda, Sharpeville e acontecimentos de revolta da população deram mais impulso ao movimento internacional contra o colonialismo português.

Samora Machel conta como ocorreu o seu envolvimento no movimento nacionalista para a Independência de MZ, ele que foi o primeiro presidente do país.

Comecei a pensar a sério sobre a possibilidade da independência de MZ..Foi então que, simultaneamente com essa ideias, começou a realizar-se a consciência de ser oprimido, desprovido e explorado. [...] Nessa altura, as autoridades portuguesas incrementavam a repressão de todos os africanos alfabetizados e educados. Estimulou muito a nossa curiosidade para saber por que queriam que não lêssemos jornais, ou escutássemos emissões estrangeiras.

O avanço dos movimentos e a luta anti-colonial tratava, não meramente da unificação dos movimentos existentes, mas da construção de um programa e de um aparelho político, que fossem capazes de desmanchar as características do colonialismo português em Moçambique. Personalidades como Eduardo Mondlane, Joaquim Chissano, Armando Guebuza, Josina Muthemba, e outros participaram ativamente dessa luta pela libertação de MZ.

Para a implementação desse projeto, a educação foi tomada como a principal mediação, difundindo as ideias modernizadoras socialistas e o seu ethos, para formar o Homem Novo e construir uma nova sociedade. Este projeto fragilizou as instâncias tradicionais que orientam o agir do homem bantu-moçambicano: a religião e a sabedoria da vida.

Segundo Paulo Freire (1978, p. 15) “a educação colonial herdada, de que um dos principais objetivos era a “desafricanização” dos nacionais, discriminadora, mediocrementemente verbalista, em nada poderia concorrer no sentido da reconstrução nacional, pois para isto não fora constituída.” Por isso que no momento da

independência é preciso rejeitar e superar aquele projeto de educação, construindo um novo

Quando, assumindo com seu povo, a sua história, se inserem no processo de “descolonização das mentes”, a que faz referência Aristides Pereira; processo que se alonga no que Amílcar Cabral chamava de “reafricanização das mentalidades”. E isto implica na transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador, o que não pode ser feito, porém, de maneira mecânica. (FREIRE, 1978, p. 16)

Moçambique alcançou sua independência em 1975. No entanto, seu Sistema Nacional de Educação (SNE) data de 1983, altura em que foi aprovada a Lei nº 4/83, de 23 de março. O momento que vai da independência até a aprovação do SNE é designado Período de Organização e estruturação do setor da educação

3-Os sujeitos pesquisados: Infância, família e a escola

Compõe a narrativa deste livro 07 (sete) entrevistados, todos são moçambicanos, que falam Português, língua em que foram gravadas as entrevistas, e ainda alguma(s) língua(s) nativa(s), Inglês e mais outro(s) idioma(s); são docentes na UEM (Universidade Eduardo Mondlane), primeira universidade pública do país. E de certo modo viveram o período da guerra. A grande maioria são docentes que fizeram parte da “Geração 08 de março”, arregimentados a trabalhar como professores, depois que os portugueses foram expulsos do país, são eles:

- Alexandre Hilário Monteiro Baia
- Arlindo Siteo
- Armindo Ngunga
- Carlos Menete Barros
- José Blaude Patimale
- Teresa Manjate
- Tereza Cruz

No corpo do texto são utilizadas as iniciais de cada um.

Cada entrevistado falou sobre a sua infância, convívio com a família e a escolarização para chegar à narrativa sobre como se tornou professor. Falou também sobre a existência de significado do seu nome em línguas maternas, narrativas ricas que realçam as africanidades...

AN: Meu nome é Armindo Ngunga.

Ngunga é um peixe de água doce que parece cobra. Na verdade, embora muitos não comam tal peixe. Na minha cultura come-se e não tem problema. Dizem que “espanta maus olhares”, porque tradicionalmente acreditava que esses sujeitos seriam invulneráveis. Acreditava se que em termos espanta maus olhares..que poderiam fazer mal a pessoa. Do mesmo feito que não pode

por água por cima do peixe e, ele permanece e a água cai. Então todos os maus olhares que vierem para mim hão de cair, ta?

AHMB – *Bem, meu nome é Alexandre Hilário Monteiro Baia.*

Bom, eu também não tenho assim referências muito exatas, mas, me parece assim, que o Baia tem uma origem, africana, me parece. Porque há histórias ali que indicam que o, o que os portugueses faziam cá, em Moçambique na altura, é que eles ouviam os nomes originais, achavam a pronúncia difícil e simplesmente mudavam ou facilitavam a pronúncia dos nomes. Melhoravam, entre aspas a pronúncia desses nomes, para o português, então, eu não sei o que significa originariamente, porque esse nome é dos meus bisavôs, é lá, é antigo lá das origens da família do meu pai.

E esse nome já estava lá, antes do, dos portugueses, o que me parece, só a pronúncia e a maneira de escrever, é que ficou portuguesa. Mas, me parece que esse nome é origem africana. Mas, eu não estou na altura de explicar, como é que é, porque, eu fiquei desenraizado, como se diz. Risos...

CMB- *Bom, eu também não tenho assim referências muito exatas, mas, me parece assim, que o Baia tem uma origem, africana, me parece. Porque há histórias ali que indicam que o, o que os portugueses faziam cá, em Moçambique na altura, é que eles ouviam os nomes originais, achavam a pronúncia difícil e simplesmente mudavam ou facilitavam a pronúncia dos nomes. Melhoravam, entre aspas a pronúncia desses nomes, para o português, então, eu não sei o que significa originariamente, porque esse nome é dos meus bisavôs, é lá, é antigo lá das origens da família do meu pai. E esse nome já estava lá, antes do, dos portugueses, o que me parece, só a pronúncia e a maneira de escrever, é que ficou portuguesa. Mas, me parece que esse nome é origem africana. Mas, eu não estou na altura de explicar, como é que é, porque, eu fiquei desenraizado, como se diz. Risos...*

É, sim tem história meu nome, que é, é curioso que eu, os dois nomes últimos, Menete. - E Barros, são nomes próprios dos meus avós, Menete é nome próprio dos meus avós maternos e Barros é nome próprio do meu avô paterno. São nomes que eles obtiveram ou lhes foram dados. Na verdade não foram nomes que foram dados, são nomes que adquiriram na juventude, quando foram trabalhar para minas na África do Sul.

O meu avô materno por exemplo, tinha a fama de ser, muito lento, a fazer as coisas, então quase sempre levava pelo menos um minuto para fazer mesmas coisas, mesmo as mais simples, que lhe era pedido para fazer, levava um minuto, então passaram a lhe dar o nome de, “Minute”. Minute, minuto em português. Isso, e prontos, os amigos deles lá, não conseguiram e nem falavam o português, só falavam o inglês com proficiência, então uh, inventaram que ele era “minute”, prontos. Risos...Então, é, ficou assim daí, quando voltou para cá, na altura não tinha filhos, ficou registrado assim como...como Menete, pela administração colonial, ficou nome dele, o meu avô paterno Barros, também foi para África do Sul com um nome, que não sei qual é. Mas veio da África do sul com alcunha de Barros, não sei qual é a história de onde veio nessa alcunha de Barros. Consta que ele nunca contou bem essa história, eu não sei, mas na verdade, fica registrado assim, fica um apelido. Então o meu pai, é registrado com o nome de Barros, e os filhos dos meu país, dos meus tios que são meus primos, são chamados, acabam obtendo esse nome e ficou meu apelido até hoje.

PCMB- *O meu apelido, é Vilankulos, esse é que é meu nome de verdade, Vilankulos é nome de um distrito, um distrito que fica aqui no Sul, na província de Inhambane, já*

ouviu falar da província de Inhambane? é aqui no sul.é no limite com o centro, no limite, com Beira, com Sofala. É um distrito e é um apelido muito comum aqui, nessa zona do país, de onde nós somos originários.

JBP- *Meu nome é Jose Blaude Patimale. Patimale – nome africano que significa “aconteça o que acontecer”.*

De forma mais presente ou menos presente nos depoimentos é certo que a guerra pela independência foi um marco na vida de cada um, que a seu modo vai explicitando isso e desvelando suas histórias através da oralidade.

3.1 - Províncias e línguas maternas

A forma de apropriação das línguas maternas variou de professor para professor, mas estando presente em quase todos os depoimentos, alguns com riqueza de detalhes. Além da língua nativa, especificaram as províncias de nascimento, como é possível entender abaixo:

AHMB – Bom, eu nasci, em uma localidade do norte de Moçambique, que se chama Netia, no distrito que se chama Monapo. Moçambique é um país que está dividido administrativamente em províncias e tem, a província é Nampula, que é no norte de Moçambique. A língua predominante é Macua dos meus pais, eles falavam essa língua perfeitamente e eu perdi me um pouco, não sei bem, por quê. Essa é a língua originária da família. Eu, eu, sim, posso falar algumas frases, mas, sustentar uma conversa, infelizmente, não consigo.

AN: Sou da província de Niassa, Chikonomo, Norte de Moçambique minha língua materna Lau. Meus pais falavam Suale e Lau. Eles me mandaram para a casa da minha vó que falava Lau , falo bem e entendo e sobrevivo bem nas ruas de Nairóbi. E, leio bem Suale.

CMB- Eu nasci aqui na cidade de Maputo, aqui mesmo onde estamos, na cidade de Maputo, cresci aqui, fiz meus estudos aqui, e basicamente tenho trabalhado aqui, em Maputo Os meus antepassados todos vieram fixar-se na zona de Massinga, é um outro distrito vizinho do distrito de Vilankulos, todos esses distritos ficam na província de Inhambane. O meu pai e a minha mãe vieram da província de Inhambane para aqui, a procura de trabalho. uma das coisas que fez com que eles permanecessem aqui em Maputo por muito tempo, foi a guerra, para além do trabalho. A guerra civil começa no ano, precisamente no ano em que eu nasci em 1976... e termina em 1992.A guerra civil, sim...Chegou, de forma dramática e a viverem lá, chegou. Então, é, é verdade que eles vieram a Maputo, vieram a Lourenço Marques para ser mais preciso no tempo colonial, nos anos 1960, vieram para aqui nos anos 60. E, prontos, meu pai trabalhou, mas, ele já tinha atingido a idade da reforma, antes de 1992, por volta de 1980, ele já tinha a reforma, mas, não poderia voltar para casa. Teve que permanecer aqui, até acabar a guerra e só em 1993, é que eles voltam, para casa. Meus pais estão vivos..E vivem lá.. Regressaram.

JBP - *“Sou do centro do país, uma localidade rural Inhagame - Província de Tete - povoado [que fala] língua Sena. Língua Sena, eu entendo bem, falo bem, mas tenho dificuldade de escrever”.*

TM - *Eu, eu nasci e cresci em Nampula. Nampula é uma província do norte, é a província que tem mais população e essa província, fala Macua, como língua materna. É uma pena não ter tido a oportunidade de aprender de raiz mais línguas africanas, aquelas que eu falo, não falo tão bem, não sou proficiente, entretanto há entraves por uma política por uma sociedade de coerção e imposição de valores. Eu falo o Tsonga, Changana, Chope, percebo, falo com sotaque. Sotaque de uma pessoa que não tem ela como língua primeira, sabe, percebo [isso na língua] Macua [língua materna], estou aprender mais. Chope, que é a língua de origem dos meus pais, estou a aprender.*

A discussão sobre as línguas maternas faz aparecer discursos que revelam como a língua portuguesa foi imposta culturalmente, trazendo marcas importantes nas memórias de alguns depoentes que relembram que, mesmo em casa, era proibido falar a língua originária, pois havia vigilância do colonizador;

AHMB – *Mesmo em casa, os meus pais obrigavam isso, era obrigatório, e até tinha vigia doméstica, tinha alguém que controlava isso, se alguém disse, visse, nem que fosse uma palavra em Macua [língua materna], era proibido, mesmo entre irmãos. Porque você depois era castigado. Se você se expressasse em Macua era castigado com açoites físicos.*

A minha tendência era sempre de falar a minha língua. Isso era um choque. Nós éramos obrigados a falar Português e chambuquiados frequentemente quando crianças. Para comunicar tinha de falar Português.

Paulo Freire discute e explica como funciona o processo colonizador, passando pela negação das línguas

A imposição da língua do colonizador ao colonizado é uma condição fundamental para a dominação colonial, que se estende na dominação não colonial. Não é por acaso que os colonizadores falam de sua língua como língua e da língua dos colonizados como dialeto; da superioridade e riqueza da primeira a que contrapõem a “pobreza” e a “inferioridade” da segunda. (FREIRE, 1978, p. 135).

Paulo Freire citando Amílcar Cabral chama de “desafricanização” esse projeto de aculturação imposto aos países colonizados, um projeto ideológico de dominação e subordinação

Só os colonizadores “têm” história, pois que a dos colonizados “começa” com a chegada ou com a presença “civilizatória” daqueles. Só os colonizadores “têm” cultura, arte, língua e são civilizados cidadãos nacionais do mundo “salvador”. Aos colonizados lhes falta história, antes do esforço “benemérito” dos colonizadores. São incultos e bárbaros “nativos”. Sem o direito de

autodefinição, são "perfilados" pelos colonizadores. Não podem, por isso mesmo, "nomear-se" nem "nomear" ao mundo que lhes é roubado. (ibidem).

Um projeto ideológico colonizador de negação da cultura do colonizado reproduzido pela escola

Reproduzindo, como não podia deixar de ser, a ideologia colonialista, procurava inculcar nas crianças e nos jovens o perfil que deles fazia aquela ideologia. O de seres inferiores, incapazes, cuja única salvação estaria em tornar-se "brancos" ou "pretos de alma branca". Daí o descaso que essa escola necessariamente teria de ter por tudo o que dissesse de perto aos nacionais, chamados de "nativos". Mais do que descaso, a negação de tudo o que fosse representação mais autêntica da forma de ser dos nacionais: sua história, sua cultura, sua língua. (FREIRE, 1978, p.15)

O docente abaixo discute a importância das línguas nativas, posicionando-se contrário ao movimento histórico de imposição do Português

JBP - Eu chamo de choque cultural, pessoas que defendem a ideia de impor o português demonstram falta de conhecimentos e o que é cultura. Quando aprendo minha língua não significa que eu não possa aprender Frances, inglês e outras. Quando fomos colonizados disseram-nos que tínhamos um grande problema: diversas línguas no mesmo país. A população era indiferente pois continuavam a falar a sua língua materna. Na nossa língua evocamos os antepassados. Há conceitos em minha língua que não são traduzidos, aprendizagem da língua é aprendizagem cultural. Nossas línguas são nobres como qualquer outra. Português era a língua que nos uniu de Rovuma a Maputo. Cresci a falar a minha língua e apanhei [...]. O país tem várias línguas. Na minha zona era indiferente, pois no dia a dia [cada um] continuava a falar sua língua. Mesmo hoje têm crianças que não falam Português. O Ministério está a tentar o Ensino Bilingue, a reação é positiva, a língua é elemento cultural e resgata nossos elementos culturais, cada zona fala uma língua.

No depoimento acima o docente fala da resistência da população à proibição de suas línguas. Paulo Freire discute estas ações como defesa cultural; as populações rurais conseguem ficar imunes e, acasteladas em sua riqueza cultural, de que até mesmo o que Amílcar Cabral costumava chamar de "debilidades" da cultura fazia parte, preservaram sua língua. Língua com que não apenas se comunicavam mas também se defendiam da alienante agressão colonial. (FREIRE, 1978, p.136).

Mas para alguns falar Português em casa, com a família ou com os amigos era rotina

TCS- No período colonial nós (da minha família) não éramos considerados indígenas. E, falávamos português há muitas gerações e passamos a ser cidadãos portugueses. Porque meu pai era português. Minha avó materna [...]

filha de português e a mãe negra que não sabia ler e escrever a língua changana.

TM- Embora tivesse muito contato com essa língua [Macua], é uma língua que conheço como língua segunda. Como língua primeira, tenho o Português. Então cresci a ter como língua segunda até a escola secundária e quando crescemos entramos para o nosso universo, criamos o nosso próprio universo e aprendi um pouco Macua.

CMB- A minha mãe não fala português meu pai fala, ele estudou...só por isso fala português. Aqui em Moçambique ao estudar na escola... é obrigada a estudar em Português – a língua do colonizador.!! mas é verdade. A nossa língua é o Xitswa, Xitswa, é uma língua que não é muito diferente da língua, que é falada aqui...changana.- Eu, eu não, não escrevo Xitswa, mas, falo muito bem. Eu não aprendi a escrever nem a ler nenhuma língua moçambicana. Mas conheço e falo Xitswa, tenho boas habilidades verbais, orais... Sim, meus pais falavam essa língua em casa. Eu acho que comecei a falar nessa língua, até eu acho que é minha língua materna. Falar português para mim, foi muito fácil, porque, é verdade que eu em casa, para além de falar em língua materna, Xítsua, mas, todos os meus amigos falavam português. Eu só falava com os meus pais Xítsua, e no dia, dia...fora era português. Antes de ir à escola, eu já sabia falar português...que na verdade era obrigatório a todos. Na verdade, aprendi a falar as duas línguas ao mesmo tempo, eu falava Xítsua, com meus irmãos em casa, eu falava português, mais com a minha mãe eu falava somente o Xitswa. E com os meus amigos, eu falava em português, na escola era normal estar a falar o português, para mim, não era nada de especial. Não custava nada... questão da língua, não, nunca, nunca constituiu um problema para mim.

Mas para quem estava mais perto da zona de guerra a percepção é oposta: nenhum contato com a língua portuguesa até o confronto

AN- Pelo que me lembre não ouvi ninguém a falar português, Suale, foi a verdadeira língua nacional da guerra [...] que me lembre os camaradas não falavam português, na guerra... na mata ninguém a falar português. A verdadeira língua usada na guerra foi o Suale. Eu não falava português e aprendi na escola.

TM- Então, no meu caso foi um pouco problemático, porque os meus pais eram duma região diferente, os meus pais, são Chopes, aqui do sul, foram transferidos para o norte e, dentro daquela convivência, se faziam umas ilhas de pessoas que tinham alguns... como nós que comungavam mesma língua. Então, nesse processo de transformação, eu fiquei um pouco isolada das línguas nacionais. Portanto falo pouco de Macua sem o domínio total. Embora tivesse muito contato com essa língua Macua, é uma língua que conheço como língua segunda. Como língua primeira, tenho o português. Então cresci a ter como língua segunda até a escola secundária e quando crescemos entramos para o nosso universo, criamos o nosso próprio universo e aprendi um pouco Macua.

A língua nativa e a língua imposta, dominada por uns, desconhecida por outros, vai refletir também em outros aspectos da infância, como a convivência entre família, comunidade e o percurso educacional.

3.2 - Infâncias e famílias: assimilados e não assimilados

Subjaz a essa relação entre línguas originais e a língua do colonizador uma questão política importante de posicionamento social. Seja como herança ou como estratégia de sobrevivência, ou até mesmo de subsistência, havia uma cisão entre portugueses -brancos- e moçambiquenses -negros-, e dentre estes ainda havia uma espécie de terceira “classe” que abrangia os que adotaram o “estilo de vida” Português para viver em sociedade. Alguns depoimentos são elucidativos quanto a isso. São os chamados **assimilados**, grupo que por adotar o estilo europeu de viver alcançavam certos privilégios como estudar, ter bons empregos, ser funcionários públicos, ser empresários etc.

AHMB – *Bom, é, eu não me considero privilegiado, ou, como se diz, desfavorecido, ao mesmo tempo... porque, os meus pais, eles já, quando eu nasci, eles já tinham uma certa, digamos, uma certa posição social, apesar de ser o período colonial. Sim, sabemos, que os portugueses, o que eles tinham feito aqui, era criar uma hierarquia, mesmo entre os negros em Moçambique. Então, dentre os negros, eles criaram grupos que chamavam de **assimilados** (grifo da autora), que eram negros, mas, que supostamente já tinham assimilado algumas maneiras europeias de viver com até nível de escolaridade que eles permitiam na altura. Então tinha isso, e geralmente, eram esses que depois, entravam como funcionários do aparelho colonial. E os meus pais, não digo que é por acaso, por mal, ou por bem, mas, quando eu nasci, eles já estavam nisso. Eram assimilados, e era o nome que se dava, cá, nesse período. Tinha racismo que dividia os brancos dos negros. Depois dentro dos negros, eles também criaram grupos que era para distinguir mesmo, entre os negros, alguns chamam isso de “dividir para reinar”, é o que se diz.*

A cisão então se dava entre os assimilados e os não assimilados, estes pertencentes aos grupos que não abandonavam a cultura original.

TM - *Se nós olharmos para a história de Moçambique, nós temos um grupo que se chama grupo de **assimilados** (grifo da autora) na política colonial, dentro do propósito da política colonial, havia um grupo negro que era a elite, digamos assim, que tinha regalias, para sobreviver, tinha que fazer certos cortes nos costumes locais e tradicionais. Portanto, este grupo, normalmente eram, professores, enfermeiros, administradores, eles tinham que fazer um corte com a cultura para tentar se aproximar com a cultura da elite colonial, como colonizada. Então, neste processo, nossos pais, na tentativa de sobreviver, ou de nos fazer sobreviver. Limitavam o contato com a base, evitavam. Isso fez com que, se **não fosse assimilado** (grifo da autora), a pessoa não podia frequentar a escola oficial, iam apenas para as escolas*

missionárias, e levava muito mais tempo, mais tempo para adquirir uma formação, primeira classe, ensino rudimentar e era um nível de escolarização em que o ambiente social, não era dos melhores. Havia muito castigo corporal...Havia muita tortura. Então, havia, esta, esta nuance colonial, havia, uma tentativa de resgatar os pequenos para distanciar, para poderem ter certas profissões condignas entre aspas, que era ser enfermeiro, ser professor, estar contato com as crianças brancas, sem a influência da cultura africana. Era esta a política colonial.

Meu pai foi professor e teve uma trajetória interessante. E era filho de pastor, religiosos, então, mesmo ele teve que deixar a religião do pai, que era da Igreja Nazarena, que era uma igreja, que o sistema colonial não aceitava, e teve muita controvérsia e meu pai não tinha que exercer a profissão.

Então, é esse exercício de lavagem de purificação, que fazia parte do projeto colonial, em, em África colonial, particularmente português. Por exemplo, uma coisa que aconteceu depois da independência, é que, [houve] tentativa de criar, de consolidar a língua portuguesa, como língua oficial, língua de ensino. É, tínhamos muitas línguas nacionais na escola, não devem falar outra língua, a não ser o português na escola, este patriotismo. Isso é reflexo da camada de elite assimilada.

Mas, eu não tenho muito orgulho disso, servi junto com minha família ao sistema colonial. É um facto histórico de Moçambique, mas é minha história. O ser **assimilado** (grifo da autora) era uma política colonial, que tentava e fazia um corte umbilical com a cultura de base, a cultura africana, então, o assimilado o que é que era? Nem era ser africano, nem português, não era português porque não tinha de ser, e nem ser africano porque tinha certos cortes com a base, então, era um grupo, que consideravelmente forte, por causa da possibilidade de ascensão social. Ter boa profissão, ter boa escola... ter casa melhor e viver bem. Isso!

Na verdade, na verdade, eu já li vários artigos, de que nós os assimilados sustentávamos o sistema colonial, crítica profunda, de certas críticas da FRELIMO¹, e certas orientações da FRELIMO, que diziam que não. Alguns afirmavam que essa filosofia era sustentada por essa elite que era assimilada. Exemplo, que as meninas não podiam pôr lenço, não podiam pôr capulana para vir a escola, isso é reflexo da mentalidade da elite dos assimilados. Bom e se foi mal, podemos um dia, podemos parar para pensar nisso, mas, na verdade, a grande parte das pessoas que estava na direção da FRELIMO concordavam. Tinham consciência, tinham acesso a outro universo para comparar, então refletiu, mobilizou-se, não estou a excluir outros grupos, era muito mais forte, para dizer a verdade. Tínhamos a Universidade Eduardo Mondlane, era espaço de formação. Samora Machel², era enfermeiro, vinha deste grupo, os outros vinham também deste grupo, eu estou a tentar dar uma visão sobre os assimilados. De como funcionavam estas coisas, Chissano³ vinha deste grupo, quer dizer, é o grupo que que podia segurar de forma consistente as rédeas do movimento, os, as bases da formação, na verdade é a chave, a educação é chave. É, é esta visão que eu tenho.

Cisão que se apresentava de forma violenta às famílias, com vigilância e castigos inclusive dentro das próprias famílias, em virtude do medo da patrulha externa.

AHMB – Os **não assimilados** (grifos da autora), em prática, tinham aquele modo de vida que era africano original. **Isso que se chama de tradicional** (grifo da autora), é isso! Então aí incluía a falar a língua originária, que neste caso, é Macua, para você ser assimilado, era preciso se separar desse mundo africano, não é? Que era... não falar a língua originária, que era Macua. E até o

ponto, chegava-se ao cúmulo deles [portugueses] visitarem sua residência para verem se você vivia como um branco ou não. Quer dizer, ah, desde as primeiras coisas domésticas, como é a cozinha... É, como comem na mesa, com garfo e faca... Todas essas coisas, como você se veste etc., etc., então, tinham todo. esse conjunto de práticas que você tinha que adotar para se distinguir do seu grupo. É, e eu tive isso muito forte. Mesmo dentro da minha família. É por isso que eu não tenho essa ligação muito forte com aquela língua. Mesmo em casa, os meus pais obrigavam isso, era obrigatório, e até tinha vigia doméstica, tinha alguém que controlava isso, se alguém dissesse, visse, nem que fosse uma palavra em Macua, era proibido, mesmo entre irmãos. Porque você depois era castigado. Se você se expressasse em Macua era castigado com açoites físicos. Meus pais, então na altura, quando eu nasci, ele já era funcionário do Estado. Público. [...] Então foi nessa família onde eu nasci. Ele já era professor e a minha mãe, ela já estava a sair do internato de freira, mas se casou, essa é a história deles. Então, meu pai estava aí, a trabalhar, a fazer trabalhos na Missão, catequistas, não sei o que, formar as novas meninas para serem freiras, então ele fazia esse trabalho, então foi nessa família onde nasci.

O principal que se abstrai dos depoimentos não é pôr em questão falar Português ou não falar o Português, mas sim a proibição que pôs em risco a tradição cultural africana.

CMB- Eu não vejo nenhum problema com o português, acho que o português, nós precisamos dele, não vamos descartar, já é impossível, mas, também, não podemos construir um país, em que as nossas línguas, sejam desprezadas. Isso é insultuoso, não faz sentido, nós temos que ter pessoas, como tu dizias, que possam circular legalmente na tradição, através das suas próprias línguas e legalmente na modernidade, através do português, inglês, francês. Exatamente, essas línguas universais, mas, porque eu cresci num ambiente, há muitas pessoas da minha idade, que não sabem falar as nossas línguas, a maior parte dos meus amigos, não sabem, falar as nossas línguas. Na altura era proibido falar na escola e depois também. era proibido em locais públicos e institucionais. Não por lei, não estava escrito, mas, havia ordens expressas para fazer com que as crianças se limitassem a falar português só, provavelmente não tenha sido escrito em nenhum lugar. E... [silêncio]... Nós vivemos esse ambiente, porque muitos alunos não sabem falar a língua materna e, durante muito tempo, era até vergonhoso falar a língua materna em público. Fizeram isso com Moçambique e com nossas crianças. Sim, Brasão Mazula traz isso no seu livro Brasão Mazula, isso, que inclusive, que segundo o ponto de vista dele, falar a língua materna, isso até ajudou a ganhar a guerra. [Risos]... da independência. [Risos]... essas línguas, maternas. sim, então, Yeah!

Falar as línguas maternas e/ou falar português não foi só uma questão de escolha. Foi uma importante questão política que influenciou gerações desde a guerra, mas até a contemporaneidade, conforme nos mostra o próximo depoimento abordando questões sobre como as novas gerações têm resistência a aprendê-las, já que não são línguas oficiais e como isso influencia culturalmente a sociedade.

CMB- *Havia essa dificuldade, muita gente não podia falar, porque ficava mal, eu estar aqui publicamente a demonstrar para o resto das pessoas que eu sei falar a língua materna, isso não ficava bem. Muita gente impôs o pensamento e incorporou o pensamento do colonizador. Claramente, uma geração que nasce no início, ou finais dos anos 70, como a minha, que nasce em 76, as pessoas que nascem em 76, 77 e crescem na década de 80 tinham, enfrentaram grandemente, esse problema. Hoje, o problema já não é de vergonha, nem proibição, pois nasceram depois dos anos 1990. É pragmático. Porque é que eu tenho que aprender Changana se no meu emprego preciso de português, inglês, não tenho que perder tempo com Changana, pra quê? Para quem pensa de uma forma pragmática, dum ponto de vista pragmático, não há tempo a perder com essas porcarias, vamos perder tempo a aprender outras línguas maternas? Precisamos de português e inglês. De um ponto de vista da busca de emprego, claro que isso é o mais importante. Para arranjares emprego de uma forma rápidas, tens que ter, habilidades técnicas e científicas, mas, as habilidades linguísticas devem ser em português e inglês, vão te mandar escrever e falar em português e inglês. Sim! A maioria de nós falamos inglês. E, quando os estrangeiros chegam aqui em Maputo se assustam. Yeah! Vocês sabem falar inglês, russo, alemão, francês? Como assim? Nós viajamos e conhecemos o mundo inteiro. Nossas televisões transmitem filmes sem tradução e desde [cedo as] crianças aprendem diversas línguas e muito bem! isso assusta os estrangeiros. Aqui não conseguiram acabar com as línguas maternas e não vão acabar, por isso volto a falar entendo o **pensamento tradicional e o moderno**.(grifo da autora).*

Paulo Freire citando Amílcar Cabral discute esta resistência em aprender as línguas originárias e facilidade com que, parte da população, abraça a cultura do dominante negando suas raízes

Precisamente quando fala da assimilação – desafricanização – das minorias urbanas que, vivendo sob e em volta do poder colonial, se entregam à cultura e à língua dominante, em oposição às grandes maiorias camponesas que, escapando ao poder mais destruidor do colonizador, sobrevivem na preservação dos traços marcantes de sua cultura. Em certo sentido, essas minorias urbanas, "desafricanizando-se", são assumidas por um estranho "biculturalismo"**, expressão, na verdade, de sua alienação cultural e a que nem sempre corresponde um bilinguismo. Tanto mais alienadas essas minorias urbanas quanto mais se esforçam por negar suas raízes, para esquecer ou jamais aprender a língua de seu povo, definida pelo colonizador como dialeto, como algo pobre e inferior. Desta maneira, "nostalgicamente" atraídas pela cultura dominante, que as perfila como inferiores, se negam na negação de sua cultura. Daí, a insistência com que Amílcar Cabral falava na necessidade de "reafricanização" daqueles intelectuais que se dessem verdadeiramente à causa da libertação. (FREIRE, 1978, p.135).

Segundo Gil Vicente (2024) após a independência, em nome da unidade nacional, houve a tentativa de abolição das estruturas tribais (seus usos e costumes), mas que encontrou resistência por parte "das estruturas tradicionais de poder" que queriam preservá-lo e resistência "à centralização do governo pós-independência, refletindo a complexidade da transição política e social no país" nos pós colonialismo. É a **"tensão dicotômica entre o 'tradicional' e o 'moderno'"** na sociedade moçambicana.

O autor ainda traz elementos esclarecedores da estrutura ideológica e política desse período. Além dessas dinâmicas de poder, a estrutura da arquitetura ideológica e política de Moçambique pós-colonial ostentou discursos que, em princípio, buscavam promover a participação de todos na vida política, econômica e social do país. Slogans como: “Unidade, Trabalho e Vigilância”; “Estudar, Produzir e Combater”; “formar o Homem novo”; “escangalhar a Velha Sociedade”; “Construir a Nova Sociedade”; “Matar a tribo para construir a Nação”; “Defender a Pátria, vencer o Subdesenvolvimento e Construir o Socialismo”, entre outros slogans, foram, nesse período, usados como alavanca dessa aspiração.

Os discursos políticos e ideológicos do Estado moçambicano desempenharam um papel significativo na medida em que não reconheciam as práticas tradicionais e estruturas político--administrativas locais. Esses discursos provocaram resistências crescentes das comunidades locais aos ideais impostos pelo novo projeto político do Estado. Nesse contexto, a descentralização de poder em Moçambique teve que lidar com este complexo mosaico de projetos políticos nacionais e costumeiros, eis que, as relações de poder de diferentes atores políticos, no mesmo espaço e ao mesmo tempo, favorece (sic) o surgimento das tensões e conflitos. (VICENTE, 2024, p. 274).

A discriminação fazia parte da estrutura colonial, constando, inclusive, da legislação, regulamentos e instituições. Para corroborar com o processo de invisibilização arquitetado pelo colonialismo o governo português adotou o Estatuto de Assimilado

Por meio da referida Portaria nº 137/1917, de 10 de janeiro, o governo colonial português dava, assim, um passo gigantesco na sua política de extinção do elemento mais representativo do património cultural intangível dos moçambicanos, as suas línguas. Através daquela Portaria, o colonialismo português proibia, de forma inequívoca, o uso das línguas moçambicanas encorajando o seu abandono através de medidas que visavam inculcar nos africanos de Moçambique a mentalidade de desprezo da sua própria cultura, das suas próprias línguas, marcas fundamentais da sua personalidade colectiva.” (NGUNGA, 2011, p.12).

Desse modo os assimilados foram portadores de documentos que comprovavam o direito de cidadania portuguesa ou de que se tratava de indígenas.

3.3 - Escola: escola para branco, escola para negro

Cada entrevistado relatou como foi a entrada e adaptação à escola. Sobressai aos depoimentos que nos ambientes escolares a questão assimilados e não assimilados resultou em consequente divisão entre brancos e negros, como se pode observar a seguir.

TM- O número de estudantes negros era muito reduzido, nas universidades em particular. Eu, eu nasci e cresci em Nampula e nas escolas por mim frequentadas, eu também fazia parte de um número muito reduzido de meninas pretas. As outras eram todas mulatas e brancas. Em Nampula foi durante muito tempo, um dos postos mais importantes para os militares no tempo colonial, por isso é que nós tínhamos muitos professores, é, que eram militares coloniais. A maior parte de brancos e havia militares negros. Aqueles que tinham formação mais ou menos alta, iam para o serviço militar, e as vezes caíam para o ensino. Que eu me lembro, tive um professor, negro, que era professor de História, que era padre, tive um professor de Matemática que era professor universitário e, tive uma professora de Biologia, que era negra, o resto eram todos brancos. Em 75, aí o cenário ainda se manteve um pouco e, hum, e depois, se a memória não me trai, na mesma altura houve muito abandono de professores para Europa, os professores eram brancos.

Os depoimentos expõem a existência de um sistema racista de ensino em que a educação para negros foi restringida à formação de trabalhadores manuais, necessários ao desenvolvimento capitalista da colónia. Essa forma reduzida de educação era tida como sinónimo de civilização.

Mouzinho escreveu em 1898: “o que melhor temos a fazer para educar e civilizar o indígena é desenvolver praticamente as suas aptidões do trabalho manual e aproveitá-lo para a exploração da província.” (MOUZINHO, 1899, p. 15). A educação das massas ficava a cargo das missões protestantes, que estavam no país desde 1880.

Cada relato vai revelando o percurso de cada um, e de sua família, na sociedade e no percurso educacional, revelando parte da história, da estrutura, da guerra e da independência de Moçambique. Para estudar era preciso mudar viajar

AHMB- Não tive grandes dificuldades de entrar para escola, nem, porque o ambiente familiar era esse, e na altura, o que o meu pai fez, antes de atingirmos aquelas idades para escola, antes mesmo dos 5 anos na altura, já tínhamos um explicador em casa que nos dava essas matérias da escola, antes, de entrar para escola. Todos eram africanos, porque o, e aí o ponto central é justamente esse, porque, o meu pai, ele era professor e estava a dar aulas numa escola para africanos, e que muitos alunos eram africanos, porque também as escolas eram divididas. As escolas ditas oficiais, eram para brancos e os professores eram brancos, e havia escolas para ensinar os negros, que se chamava, ensino rudimentar, ou qualquer coisa e onde os negros davam aulas

nessas escolas, que era para formar justamente os futuros assimilados. Tinha essa divisão por lá, por detalhes, é preciso ver lá na História de Moçambique. Então eu vivi isso quando era pequeno, porque então, eu nasço em 1966, né? E vivi até em 75, a guerra do período colonial, então eu vivi isso...então, a minha primeira escolaridade, as primeiras séries, elas acontecem nesse período, ainda colonial. E acontece lá em Netia, e não tinha falta de nada, porque tudo era próximo. Netia é uma vila. Uma vila e também estavam lá colonos que tinham suas propriedades agrícolas a volta da vila. E é lá onde eu nasci e, daí, portanto, da minha casa para escola, eu precisava de uns segundos, seja minutos. Eu entro para escola, e até entro com uma idade muito inferior, porque já tive essa preparação em casa, já tive essa sorte de terminar aquelas séries antes dos meus colegas, principalmente negros, antes de atingirem aqueles primeiros três níveis de escolaridade. O secundário, ele já é marcado depois da independência. O meu secundário é depois da independência, então como eu disse, vive de 70 a 76. Já tinha 10 anos, então nessa altura, eu já estava na 4ª classe, nessa chamada escola oficial, onde estavam os filhos dos, os filhos dos colonos e eram brancos, e até o meu primeiro padrinho era um branco, por causa dessas coisas de ingresso, então a gente, quando termina isso, já é altura da independência, aí, é que eu já saio da minha localidade de origem onde eu nasci, porque não havia outros níveis de escolaridade, o secundário, não havia lá, mesmo no período colonial, era preciso ir a cidade de Nampula, a capital provincial para continuar os estudos. Depois da independência, não tínhamos, porque herdamos essas infraestruturas coloniais, então, eu saí da minha localidade e fui frequentar o nível secundário, já na cidade de Nampula. Lá também tinha os meus tios que, eu vou morar com eles, e o nível secundário termino lá, na cidade de Nampula. Também não tínhamos o nível médio, depois da 10ª classe na altura. Já não tínhamos escolas, com níveis superiores lá na cidade de Nampula. Então foi preciso sair para cidade da Beira, que é uma província da região centro aqui, de Sofala, e lá onde eu faço o nível médio. Do mesmo jeito, também já não tinha o nível superior lá, daí, era preciso vir até Maputo, porque na altura só tinha a Universidade Eduardo Mondlane que fazia o ensino superior.

CMB- Fiz o primário lá na zona onde eu cresci. Na altura chamava-se ensino primário, depois havia, ensino, oh, ensino primário era da primeira a quinta classe, e depois diziam que existia ensino primário do 2º grau, e eu fui fazer numa outra escola, não longe de casa, que a pé ficava, levava, uns 25 minutos para lá, a pé. É onde fui fazer a 6ª e a 7ª classes. E depois, saí dessa escola em 1990, saí dessa escola, fui para uma escola maior, em que havia de frequentar de 1997 do oitavo ao 12º ano, numa escola chamada Escola Secundária da Matola. A guerra termina quando eu estou a fazer o ensino secundário, precisamente quando estou na 8ª classe, o oitavo ano. Sim, éramos muito jovens na altura, Yeah!

Ser não assimilado não facilitava o percurso académico, a opção era fazer curso técnico

AS - É, na verdade, eu, tal como muitos outros colegas da minha geração, que nos anos da altura antes da independência, estávamos ou começando o ensino superior, ou terminando o ensino secundário, e no meu caso eu estava no ensino secundário, a terminar, portanto o pré-universitário. A minha formação, na altura a formação técnica, Administração e Contabilidade. Na escola pública comercial. Então era uma escola pública, a escola comercial, na altura chamava-se Doutor Azevedo e Silva, é, obviamente que era uma escola...

(suspirou)... desenhada, é, segundos os padrões do regime oriental e, talvez dizer aqui, que na altura, no tempo colonial, não era fácil. Para nós, portanto, **não assimilados** (grifo da autora), indígenas, seguir o ensino liceal. Não é por acaso que muita gente estava no ensino técnico, portanto, ou industrial, ou comercial. Era permitido, então entrar no ensino geral para entrar na universidade era extremamente difícil, quase impossível, então, o que nós podíamos fazer na altura era entrar para o ensino técnico, ter uma profissão um contabilista, ou mecânico, eletricista, consoante a formação, fosse comercial ou industrial, bom para começar a trabalhar.

No próximo depoimento vive-se a guerra de perto, a ponto de ter que deixar de estudar

JBP- Fiz o ensino primário até a 6ª classe em 1985. Não tinha a 7ª classe na cidade porque a guerra estava quente e, não havia passagem. Depois em 1986 havia guerra civil e o meu distrito foi atacado e, fui um dos capturados pelo RENAMO. Queriam nos treinar para soldados e fui para a base para ser soldado. Mas fugi para Malowe com 16 anos. Daí atravessei o Rio Zambeze com canoa e fazia machambas por 12 anos. Meu primo morava nos campos de refugiado. Eu queria ser militar, mas disseram que eu era criança e encontrei meu irmão e mandaram para o Centro de refugiados para ser professor. Fui para Chimoio e proibido pelo meu cunhado (marido da minha prima) de jogar futebol e obrigado a estudar a noite e tive que repetir 6ª classe para ver se tinha condições pois não tinha documentos. E, fiz 7ª classe em Chimoio onde conheci um padre que desejava que eu me tornasse padre. O bispo de Chimoio me levou para Beira e vivi com os padres cursei a 8ª classe frequentando todos os encontros dos padres. Conclui os estudos do Ensino Médio em 1996. Em 1997 não estudei. Fiz o Estudo maior em 1998, bacharelado em Maputo, o primeiro ano. Logo em 1999, 2º ano. Já em 2000 conclui no Seminário de Teologia. Fiz exame de admissão em dois anos e fui para a UP para estudar Filosofia como primeira experiência da disciplina.

Antes mesmo de entrar para a escola crianças passaram pela dura experiência da guerra. E relatar isso é uma dura memória, até mesmo para um adulto.

AN: Comecei a estudar um pouco tarde porque antes de ir à escola começou a luta armada de libertação nacional e todos da aldeia foram embora devido ao ataque dos portugueses. Aí todos nós fomos para a mata, assim como foram todas as aldeias vizinhas. Os portugueses tinham infiltrados nas aldeias para o combater a FRELIMO, quando os combatentes portugueses disparavam contra as aldeias... queimavam tudo... tínhamos que fugir para a mata. Os adultos juntaram à FRELIMO sem nenhum treino. A luta ia começar. As crianças como eu com 05 anos de idade reagiam apenas fugindo e fugindo dos portugueses. Apareceram em 1964 na aldeia os guerrilheiros da FRELIMO. Meu pai nessa altura foi preso, quando a guerra começou... ele estava preso, logo fugiu da cadeia depois de 03 meses. No dia seguinte partiu e disse “vou viajar, até amanhã”. Isso foi em de 1964... a guerra começou em setembro de 64. No mês de fevereiro de 1965 os portugueses realizaram o ataque a minha aldeia... foi o exército... queimaram as casas e muita gente morreu e muita gente entrou para a FRELIMO. Muitos moçambicanos informavam aos portugueses o posicionamento dos combates da FRELIMO. Tínhamos ataques constantes com bombardeios aéreos. Minha mãe... minha mãe... (lágrimas... choro contido...) morreu na guerra junto com meu irmão. e, pelo que me lembre não

ouvi ninguém a falar português, Suale, foi a verdadeira língua nacional da guerra, a cada dois dias fugíamos para outro sítio... que me lembre os camaradas não falavam português, na guerra .. na mata ninguém a falar português. **A verdadeira língua usada na guerra foi o Suale** (grifo da autora). Em setembro de 1972, houve o 1º Congresso da Tanzânia para a luta armada e manda os primeiros combatentes para a Argélia, 250 homens.

A pior situação da minha vida aconteceu, pois fomos capturados pelos portugueses já estava com 10 anos. E, ficamos no quartel dos portugueses por dois meses, não havia população livre e capturou várias pessoas. E ficou eu, minha avó e o meu irmão. Meu pai fugiu para Malowe e, ficou em Zimbábue. A gente não se encontrou mais até 1991. Quando ele veio à Maputo nós nos encontramos 27 anos mais tarde. ele veio a falecer em 1993 quando eu estava nos EUA no doutorado.

Depois os portugueses nos levaram para o quartel Ckikonomoe lá tinha um governo administrador com população, infra – estrutura de pequena vila e havia escola tempos de guerra. Eu não falava português e aprendi na escola. A minha zona era muçulmana e entrei para a escola primária oficial. Não havia missão. Eu fui para a escola sentei-me e a professor falava português e eu não apercebia. E a professor dizia, escrevia no quadro e falava A, B e apontava juntava as letras e esse era a forma como se aprendia. E, nós não podíamos falar a língua materna era proibido de falar nossa língua. Aquelas eram manhãs de tortura...yeach... ir à escola onde se falava uma língua desconhecida e ser proibido de falar nossa língua. Só o professor falava conosco e nós não respondíamos... não sabíamos a língua. Yeach!..era tortura. Eu nunca apanhei porque não falava, ficava quieto, pelo menos um ano foi assim... muitos desistiram da escola. No meu tempo 1º ano mais pré-primário e depois fui até a 4ª classe e quem não reprovasse fazia em 5 anos. Eu não fui reprovado, e só conhecia mais que era o João, dos 40 alunos terminou a 4ª classe. Além de mim mais ninguém da turma, que iniciou, terminou a 4ª classe e falava português. E, assim a turma terminou com 04 alunos pegando os repetentes anteriores e três eram da minha aldeia. Em 02 de julho de 1973 éramos 08 para fazer o exame. E, o exame foi feito na minha aldeia, pois no avião só tinha 5 lugares. Então [eram] os professores que deslocavam para aplicar os exames. Eu passei mas, não tinha como estudar e trabalhar. Um dia fui à administração para falar com o senhor branco. Pedi audiência e, não me deixaram falar com o administrador. Então fiquei a sentar na porta... permaneci a espera dele. Ele desceu e quando ele me chama e falei, expliquei o que queria. Conversamos e ele foi simpático e perguntou-me o que realmente queria. Eu disse-“estudar” e ele disse: “o que quer estudar?” Disse-lhe “médico”. Retrucou : Ah! Quer ser médico, estudar e não tem dinheiro. Vou ver o que posso fazer em Lichinga e falar com o governador na Vila Cabral – Período Colonial. Depois deu-me o retorno de “sim” e, fui para a Vila Cabral, Centro de internato como bolseiro do governo português, fiquei pagando 75 Escudos ao mês, com material escolar, roupa, alimentação garantida e tinha tudo e estava bem. Eu morava na Zona ocupada pelos portugueses e fiz a 4ª classe, mesmo com arame farpado com posto médico e uma população mais ou menos em paz. E, na mata – zona libertada, fui sozinho para estudar em 1973 na 4ª classe, 5ª em 1974, 6ª em 1975. A cada 03 (três meses) voltava para a aldeia de férias e fiz até a 9ª classe o ano letivo era dividido em trimestre. Entretanto, em 1975 aconteceu a Independência quando andava na 6ª classe veio a independência. Então quebra-se a minha prefeitura de fazer Medicina. Eu queria fazer Medicina... o administrador disse que era bom fazer Medicina. Mas antes de fazer tinha que fazer 1º ao 7º ano (Ciclo preparatório e Liceu).

Poderia fazer em Lisboa. Mudou tudo... tudo completamente em 1978 quando já fazia a 9ª classe.

A história oral nos permite compreender em detalhes o terror de uma infância e adolescência em meio à guerra. E como já tinha sido afirmado antes a importância das línguas nativas! A independência só foi conquistada porque o colonizador não entendia as línguas que os combatentes falavam. Mesmo com as dificuldades diversas, percursos diversos, mas todos estudam e a independência chega.

4- De aluno a professor: os caminhos trilhados

Após a independência, em 1975, Moçambique deixa de ser colônia e expulsa os portugueses, que eram a maioria dos professores do país. Quem não foi expulso vai embora por vontade própria

TM- Com a independência... Não, não só. Em 1975, podemos ver, se calhar, 90% dos professores eram brancos, portugueses, é, dentro deste grupo, não estou a excluir professores, ou, não só professores, mais, outros técnicos. Pessoas com maior posicionamento etc., eram portugueses, pretos ou brancos, acontece que a força portuguesa se retira do país, uns foram para África do Sul, uns foram por exemplo para Portugal para arrumar trabalho. Depois da independência. Alguns foram forçados a sair, foram mesmo, outros, por vontade própria, eu tenho até amigas muito próximas lá de Nampula, que eram negras, mas foram para Portugal, porque não concordavam com as condições trazidas pela FRELIMO para o nosso país, esse novo projeto. De país, não foi aceite por todos. Houve uma debandada, uns por racismo, uns por afinidade a filiação pelo regime português, uns por afinidade com o colonizador, por qualquer que seja com motivações diferentes, todos éramos portugueses. Então outros continuaram portugueses, outros aceitaram nova perspectiva de mudança. E permaneceram, e se identificaram com o regime colonial, são pessoas que decidiram ficar em Moçambique, e, há pessoas que não se identificaram com esse projeto. Brancos, pretos, quer dizer ficaram com este projeto, brancos e pretos. Professores portugueses falaram “nós não vamos ficar aqui”, ou “vamos para África do Sul”. Os processos não são lineares. Houve um grupo... houve divergência de ideias.

Diante da realidade de confrontos, os professores portugueses que conduziam o ensino tiveram que sair do país. Principalmente, quando o Ministro do Interior, Armando Emilio Guebuza, integrante do estado monopolista marxista emitiu a ordem chamada de “20/24”, isto é, levar 20 k de bagagem em 24 horas. Em todas as áreas houve demanda de profissionais. Com impacto direto nas escolas do país.

No depoimento abaixo isto é posto detalhadamente

AS- Mas, o 20-24, era uma saída compulsiva. Tinha aqueles portugueses, que bom, queriam voltar, não queriam ficar aqui, queriam ir embora e ninguém mandou embora, eles foram, era uma opção. Mas, alguns, estavam aqui, em ações um pouco de sabotagem, houve muita sabotagem aqui. Então, estavam contra a independência, alguns portugueses!! E desenvolviam ações, mesmo na própria universidade, eu lembro em 1974, foi vandalizada, conhece a residência Self, ali, chamam Residência estudantil 1, teve umas bombas, enfim.

Então, eram portugueses descontentes com a independência de Moçambique, infelizmente alguns. Então, é que sabotavam as empresas, sabotavam enfim, porque não queriam. Então, é, o governo na altura, para esses casos emitiu essas saídas compulsivas, tanto, 20kg em 24 horas. Eram 24h e sair com 20kg, chamou-se, sim, sim, foi sério isso. Sim, sim, como eu disse foi para aqueles casos comprovadamente de sabotagem. Até hoje, há portugueses que estão aqui, que ficaram somente aqueles que estavam declaradamente a fazer algo contra o país. Não estavam a favor da independência, aliás, mesmo depois das assinaturas dos Acordos de Lusaka.

VB – O que é Acordo de Lusaka?

AS- Aquele nome tem muita história, Avenida Acordo de Lusaka, é a avenida que vai para o Aeroporto, eu, na altura vivia ali perto. Então quando termina o fascismo em Portugal. Então, quando termina o fascismo em Portugal, em 74, 25 de abril, Revolução dos Cravos. As forças armadas eles é que estiveram à frente do golpe, eram jovens que estavam contra a guerra colonial. Eles estavam contra a guerra, fazem o golpe de Estado e a expectativa é que eles pensavam que iam sentar com os movimentos de libertação. Porque eles diziam, bom, nós estamos a morrer, por uma causa perdida, que eles vinham de Portugal para combater na Guiné, Angola e Moçambique. Eram soldados portugueses, é verdade que haviam soldados que eram recrutados aqui, eram moçambicanos, mas, era o serviço militar obrigatório, então, eles tinham que estar no exército, eu tive irmão que estiveram no exército. Um deles quase que morreu na altura, na luta contra FRELIMO.

Mas, então, esses jovens que tomam o poder no golpe de Estado de 25 de abril, é, não tinham outra opção, tinham que negociar com os movimentos de libertação, ah, em particular, com a FRELIMO em Moçambique. Com o MPLA, NFLA e a UNITA, em Angola tinha três movimentos, não é ne, no entanto deixemos Angola. Aqui em Moçambique tinha um movimento, que era a FRELIMO, não havia outro movimento.

Portanto, Marcelino dos Santos é uma figura incontornável, quando se fala da FRELIMO, quando se fala da luta, felizmente está vivo, ainda antes de ontem, esteve conosco naquela cerimónia da abertura. Yah, já está velhote. –É ele, é ele, felizmente está vivo, está velho, mais está vivo, muito lucido, ele gosta de falar sobre isto, tanto ele como Sergio Vieira, Sergio Vieira foi diretor do Centro, que também foi combatente que estiveram na luta armada. Nessa altura, agora, Marcelino dos Santos, foi um dos fundadores da FRELIMO. É o mais, se

calhar é o mais antigo, mais veterano, conhece toda história da FRELIMO. Então, como eu dizia, eles depois, o Governo Português, o governo Português, começa a conversar com a FRELIMO, em Lusaka, silêncio... na Zâmbia. O país, o país que faz fronteira, país vizinho aqui, que era amigo da FRELIMO obviamente, a FRELIMO tinha as suas bases na Tanzânia, e, mais também tinha escritórios na Zâmbia. Do presidente Kennedy Kaunda na altura, silêncio... e é lá onde a FRELIMO conversa com os portugueses, para assinar o acordo para a independência de Moçambique.

Então, esse acordo foi assinado no dia 7 de setembro de 1974, então, ficou acordado que a independência seria no dia 25 de junho do ano seguinte, portanto de 75. Portanto, então esses são chamados Acordos de Lusaka, acordos para Independência de Moçambique, assinados entre FRELIMO e uma delegação do governo português de então, em Lusaka a 7 de setembro de 1974. E aquela rua, aquela avenida em Maputo, é em homenagem aos Acordos de Lusaka.

Sim, mas tem muita história, que é, não foi fácil assinar aquele acordo, eles começaram a negociar, então os outros não, portanto eles queriam lutar, alguns, estavam à espera, fazer uma espécie de uma federação, outras queriam uma independência estilo a Rodésia, Rodésia, portanto, Salisburia, Rodésia do Sul, onde a Ian Smith, não sei se ouviu falar, declarou a independência da Rodésia na altura. Então, alguns aqui, os portugueses queriam exatamente fazer isso!! São esses que levaram o 20x 24 muitos deles.

Como ministro Armando Guebuza, esse que agora é presidente, ele é que era ministro do interior. Ele articulou. É sim, sim, 20-24 foi com ele, mas, agora, quem negocia os acordos de Lusaka, obviamente, foi Samora Machel, ele, ele é que assinou, ele é que era o chefe da delegação da FRELIMO em Lusaka, estava ele, o Chissano, o Guebuza creio que estava, Chipande e Marcelino dos Santos, há fontes aí, que ilustram e dizem quem são os que assinaram. Então depois da independência, o atual presidente da república, ficou Ministro do Interior.

E então (silêncio...) para essas situações, de sabotagem, esses que queriam sabotar ou introduzir aqui uma independência unilateral, bom, foram identificados e 20 e 24, foram expulsos mesmo. 20kg em 24h para sair do país. Então entraram no avião e foram para Lisboa. Outros portugueses ficaram a trabalhar e continuaram a trabalhar como cooperantes.

4.1 Sonhos e obstáculos: ser professor? O 8 de Março

A ausência de professores e a grande necessidade de alfabetizar o país fez com que fosse estabelecida uma política de formação de professores apoiada nos estudantes que foram recrutados para dar aulas, alternando ensino e formação.

TM- Perdemos muitos professores, então recebemos professores universitários, estudantes universitários que se tornaram nossos professores, mas, em 1977, houve uma debandada de professores e nós fomos convidados, como alunos do ensino secundário mais elevado, que estavam no 11º ano, fomos convidados para curso de formação de professores e começamos a lecionar, essa é que foi uma grande ruptura. E essa mudança, essa ruptura, política, ao mesmo tempo, forçou muito para que nós nos apropriássemos da educação e do ensino. Eu fiz parte do primeiro grupo... ou do segundo grupo da Geração do 8 de Março, foi quando Samora Machel anunciou que iria interromper, alguns cursos, alguns anos da universidade, do ensino secundário, iam interromper alguns cursos da universidade, para formar professores que iam dar aulas.

Quem tinha mais estudo, estava próximo a ser formar é chamado a trabalhar com os níveis inferiores

AHMB- Então, e, e por isso, todas essas ações de trabalho voluntário, desistir do seu projeto individual para o projeto da nação que era veiculado, isso existiu. Por isso que essas gerações que andam aí, são polémicas, mas estão aí, temos um grupo que ficou famoso, que é o 8 de Março, o 8 de Março marca isso, que eram estudantes que estavam a ser formados, até com níveis inferiores de escolaridade, da universidade e do secundário, e que foram obrigados a ir prestar serviços para o Estado. E eles assumiram isso, na altura podia estar, sem compromisso, mas, hoje, eles já reivindicam aquela posição. “nós somos daquela geração”, porque fizemos isso mais aquilo.

Apesar do professor usar a expressão “trabalho voluntário” no início do depoimento, ao final ele usa a palavra “obrigados”. Percebe-se no relato a seguir que não foi opcional.

TM- Só vim para Maputo em 1977, para entrar para o curso de formação de professores, por causa daquilo que eu já disse sobre a política de formação de professores supervisionada e acompanhada por Graça Marchel¹.- Ministra da Educação. Exatamente. Então, eu fiz o primeiro curso de professores, depois fui dar aulas, depois voltei fiz o segundo, depois fui dar aulas, depois voltamos para fazer a licenciatura, para o Bacharelado. Sim, fiz um curso e fiquei aqui um ano, consolidei alguns conteúdos não é, em cursos para ensinar o ensino secundário. E tinha pedagogias, didáticas, um curso forte. Um ano. um ano e poucos meses. Não, era um ano letivo, depois fomos dar aulas, durante dois anos, depois voltávamos, programado assim que era para fazer o refreshment o, o enriquecimento para subir de nível não é, éramos muito jovens, e eu acho que foi um programa bem conseguido, nós podemos criticar muito, porque a

juventude foi sacrificada naquele período para ajudar o país .– e havia outros anseios. [...]

Não, eu no primeiro ano que eu trabalhei como professora, fui logo para Nacala, já não fui para onde estavam os meus pais, Nampula. Fui para a segunda cidade da província. No fim do curso, numa entrevista, diziam vais para esta escola, sim ou não, havia uma espécie de negociação, eu não, eu fui para Nacala, fiquei lá numa escola secundária, com muitas turmas, três turmas, umas turmas da, da 5a classe, 6a classe e 7a classes, o diretor era muito receptivo, dava muito... muito apoio, acho que havia orientação para isso.

O trabalho como professor era obrigatório atendendo às necessidades do país. A formação era intercalada ao trabalho, conforme visto. Essa narrativa elucida não só a mudança de trajetória na vida pessoal, mais do que isso, é um momento de resistência e de rupturas, capaz de revelar as dificuldades resultantes da realidade multifacetada. Uma dialética entre saber, ensinar e aprender que é explorada por Paulo Freire

Na verdade, só na unidade dialética entre ensinar e aprender é que a afirmação "quem sabe ensina a quem não sabe" ganha sentido revolucionário. Quer dizer, quando quem sabe, sabe, primeiro, que o processo em que algo aprendeu é social; segundo, quando sabe que, ao ensinar o que sabe a quem não sabe, sabe também que dele ou dela pode aprender algo que não sabia. (FREIRE, 1978, p.49).

E o que foi o 8 de março? Um grupo de jovens que em 1977 e nos anos subsequentes foi arregimentado, encaminhado e alojado no Centro 8 de Março, para importantes tarefas de reconstrução nacional.

Trata-se de uma geração que, com a de 25 de Setembro, com muita entrega e sentido de patriotismo, em prol da satisfação das necessidades de toda a população moçambicana, soube reerguer Moçambique abalado pela saída em massa dos portugueses que asseguravam os interesses coloniais, apesar dos apelos feitos pelo Governo de Transição, assegurando-lhes espaço para participar na reconstrução desta pérola do Índico. (GUEBUZA, 2024)

Foram os jovens, que sem formação profissional, sem condições de trabalho, muitas vezes sem escolha, foram os primeiros professores e desempenharam um papel fundamental, na educação e na saúde, “para responder aos desafios impostos pelo processo da Luta de Libertação Nacional” (GUEBUZA, 2024).

Os jovens desempenharam um importante papel naquele momento histórico de reconstrução nacional. Segundo Paulo Freire

Na verdade, só na unidade dialética entre ensinar e aprender é que a afirmação Re-construção nacional que se alonga, obviamente, na criação de uma nova sociedade, sociedade de trabalhadores, em que um novo tipo de intelectual deve emergir – o que se forja na unidade entre o trabalho manual e o trabalho intelectual; entre prática e teoria. (FREIRE, 1978, p. 53).

Nem todos os estudantes tiveram seu destino traçado à revelia, os melhores estudantes tinham a possibilidade de escolher o caminho a seguir.

AHMB Num primeiro momento, as relações eram decididas, a nível central, era o governo provincial que decidia, depois de terminar os níveis, depois decidia quais são os destinos dos estudantes. Então, você poderia fazer um curso, que não fosse da sua preferência, mas porque a distribuição obrigatória estava feita, de acordo com as necessidades do país. Só que no meu caso, foi diferente, eu fiz parte, felizmente do grupo que era considerado dos melhores estudantes.

Então, o prêmio que tínhamos como melhores estudantes, era a possibilidade de escolher o que queríamos seguir... então aí, eu escolhi, não isto que estou a fazer agora, eu escolhi a Engenharia de Construção Civil, o meu primeiro curso quando cheguei a universidade, aqui na Eduardo Mondlane, foi, estive lá, fiz o primeiro ano, em Engenharia Civil. Então, estava cá. Tinha os meus familiares aqui, aliás, alguns andam por aqui, eu tenho primos aqui, mas, não vim por essa motivação por causa deles, não foi isso, foi por essa vontade de sempre seguir em frente, seguir em frente. Então, venho aqui e me inscrevo nesse curso de construção civil.

Sempre viajei tranquilamente, apesar das condições não serem boas, sempre viajei tranquilamente, porque depois em paralelo, é a aí então onde, talvez por ter puxado aí a tradição familiar, eu começo a dar aulas, paralelamente a estudar. Estudava... estudava. E dava aulas, como havia falta de professores etc., etc., eu consegui essa vaga em algumas escolas. O ganho das aulas que dava e mesmo estando a estudar, isso permitia que eu viajasse tranquilamente de cá para lá, sem problema. Dava aulas nos níveis inferiores, dava aulas na 6ª classe do ensino secundário, dei aulas até 10ª classe aqui na Francisco Manyanga que é uma escola do nível médio que está aqui em Maputo, dei aulas a essas classes todas... dei aulas de Português, de História. Risos... Aulas de História e aulas de Geografia, e talvez foi esse lado que me puxou para cá, porque eu, hoje sou geógrafo.

No relato a seguir percebe-se que passado um tempo após a libertação, o país recebeu professores estrangeiros que vieram ajudar na reconstrução educacional do país. Até mesmo portugueses.

TM- E já havia muitos professores estrangeiros de países amigos, havia muitos professores alemães, guineenses, é, digo, de países que tinham uma ligação forte com o Movimento de Libertação. E que vieram socorrer, vários países do leste, a União Soviética, etc., e nessa altura, também foram muitas pessoas para vários países, até nos Estados Unidos, era uma aposta muito grande para a educação, era preciso, criar uma semente, era como começar do zero praticamente.

Era, então, houve muita gente que foi para fora e, e que regressou nessa altura. Eu lembro que, que eu tinha dois professores moçambicanos quando entrei para universidade, era Mário Machungo, outro era Lourenço do Rosário, e era, espera, era João Carrilho, os três professores moçambicanos. Tirando os portugueses, haviam franceses, russos, alemães, portugueses, tinha cubanos, tinham várias nacionalidades... eram, a nossa educação era um

cartaz da UNESCO tinha todas, meu professor de linguística era chinês, incrível, era um, o cartaz era uma educação cosmopolita mesmo. Eu acho que foi uma fase muito boa, porque não nos despegávamos da orientação, podíamos correr o risco de ter uma formação com uma estrutura muito portuguesa, mas, este patriotismo.

Fez com que nós começássemos a pensar muito seriamente, num caminho diferente, era preciso encontrar um caminho diferente, um pouco disperso, mas, saber que nós temos um caminho, um caminho, não maduro, mas, com uma trajetória própria.

Tínhamos professores brasileiros e, não sei falar o nome deles..eu..eu era muito jovem... muito. Tinha... tinha, era muito diversificado, muito diversificado, e esse outros, eles falavam português, mal ou, bem, mais falavam.

Samora, mesmo militante, foi a frente e propôs, certamente com esse grupo, o que chamou de Geração 8 de Março. Esta é a minha leitura, é muito positiva, eu aceito. Concordo, alinho, consigo ver, traços muito positivos nestas divisões, nessa orientação, no que concerne à educação e muitos aspectos de saúde, nós chegamos de, hoje Moçambique tem acesso a saúde quase gratuita, por força das políticas desta altura.

Recrutados ou convidados era necessário abraçar a Educação para que as escolas não fechassem. Nas palavras de Paulo Freire

Daí que, por exemplo, entre fechar bruscamente as escolas herdadas do colonizador, ao nível primário e liceal, enquanto se reorientava o sistema educacional, ou anunciar medidas impossíveis e introduzir, no velho sistema, reformas fundamentais, capazes de acelerar a sua futura transformação radical, em função das modificações que se fossem operando nas bases materiais da sociedade, preferiu a segunda hipótese. (FREIRE, 1978, p. 20)

Isto torna o ensino superior um sonho menos distante para muitos. Os jovens professores abraçam as aulas e vão se formando no percurso.

AS- O sonho de fazer o ensino superior, quer dizer, não estava nos nossos horizontes, e, era quase impensável. Portanto os nossos pais já estavam, digamos, com esta visão, bom, o meu filho tem que fazer alguma coisa para ter uma profissão a seguir. E foi o que aconteceu comigo, mas como dizia, chega altura da independência, há um êxodo dos professores portugueses do ensino secundário. Eles eram os professores no sistema e asseguravam praticamente o ensino secundário aqui neste país. Moçambicanos eram pouquíssimos no meu tempo, professores moçambicanos no meu tempo no ensino secundário. Então, quando eles saem, é, o país fica num dilema. Ou fecham as escolas, ou então tem que arranjar uma forma da escola funcionar, recrutando estudantes do ensino superior que, eram poucos. Então, no meu caso, eu estava mesmo a terminar o curso médio de Administração e Contabilidade, então fui convidado a dar aulas, já no ensino secundário, havia uma primeira fase chamava-se ciclo preparatório. Que era para preparar a entrada no ensino secundário, portanto eram dois anos do ciclo preparatório, para depois entrar no ensino secundário. Então fui convidado, assim como muitos outros. Yeah! Então, não tínhamos formação, visto que não tínhamos formação, então íamos recebendo a formação em serviço, ah, aos sábados. Sim, sim, sim, nas comissões pedagógicas, tínhamos alguma formação pedagógica, mas, quer dizer, não havia tempo para parar, mais tarde abre a Faculdade de Educação.

Já deve ter ouvido que houve a Faculdade de Educação, porque o Estado levou isso a sério, o governo na altura disse bom, é preciso realmente formar professores, essa coisa de pegar pessoas sem formação, é, ok, serve como uma medida de urgência. Então abre-se a faculdade, ou cria-se a Faculdade de Educação.

Na UEM, portanto, a UEM deixou de dar alguns cursos, também porque tinha poucos estudantes, uma vez que eram poucos estudantes no ensino liceal moçambicanos, porque, não só saíram os professores, mas, também saíram os estudantes, que eram filhos dos portugueses, foram-se embora, é só ver que em 73, 74, a população estudantil na universidade, chamava-se Universidade de Lourenço Marques, rondava os 4000 estudantes, dois anos, depois da independência, no entanto em 77, não passavam dos 700, não chegavam a 1000.

Pois, aqueles que eram a maioria, muitos deles foram-se embora também. Mas, como eu dizia, houve muitos que preferiram ir embora, foram e nós ficamos a aguentar. Foi quando eu começo a trabalhar na educação, como eu disse, sem formação. Eu comecei a trabalhar em 76. Fui convidado a trabalhar em 76 até 79 nas escolas secundárias no ciclo preparatório. Matemática, bom eu vinha das contabilidades, então, ensinava Matemática 5ª e 6ª classe, era uma Matemática introdutória, teoria de conjuntos, pequenas, expressões numéricas, enfim, estava capacitado para isso, embora não tivesse a formação pedagógica, obviamente. Então fomos adquirindo este serviço. Bom, então, esta é a primeira etapa do meu envolvimento e nas escolas, secundárias até 1979. Então, nessa altura, eu já estava a frequentar a Universidade, Eduardo Mondlane, como eu disse, em 76, eu terminei o nível médio.

O meu sonho, era fazer economia, eu vinha das contabilidades e administração e obviamente, o meu sonho era fazer economia na universidade. **É quando surge o famoso 8 de Março** (grifo da autora), o discurso 8 de março, já deve ter ouvido falar do saudoso Samora. Exatamente, porque, bom, não havia, não havia, para além da, de técnicos em todas as áreas. Sobretudo, a questão do professorado, ah, o exército! Também, era preciso formar o exército, e então, há um, uma decisão, muito, muito, na altura foi uma decisão muito arrojada, de dizer ok, parte dos jovens, que terminam o ensino secundário, uns tem que fazer, tem que ir para formar o exército, porque havia guerrilheiros apenas.

Os jovens são convocados ou para abraçar a Educação ou para servir ao exército, como se pode ver.

AN - Já tinha em 1977 o 8 de Março... fui ao Centro 8 de Março convocado para ser professor. Alguns foram para União Soviética, Bulgária, Tchecoslováquia e outros ficaram lá estudando... os mais novos. Os mais crescidos eram incorporados e absorvidos pelo serviço. E, quem tinha a 9ª classe tinha que trabalhar com um ano de formação. Na verdade, em 1979 fui para o Centro e em 1980 fui dar aula de 5ª e 6ª classe trabalhar a Língua Portuguesa. **Não era permitido falar a língua materna** (grifo da autora) mas, na minha turma tinha de 30 a 40 alunos... isso era normal falarmos a língua materna. Havia umas 3 ou 4 escolas com 5ª e 6ª classe por dois anos. Tinha o plano do governo de formação de professores:

- 1 ano de faculdade
- 2 anos de escola dando aulas

- 1 ano de faculdade
- 1 ano de escola dando aulas
- 2 anos de faculdades acabava tudo... eram 07(sete) anos.

Neste último depoimento foi destacada, mais uma vez, a questão da imposição do Português e, a consequente, proibição de falar línguas nativas, mesmo num momento tão complicado quanto foi para os jovens assumirem a docência no país naquele momento, sem formação, sem experiência e sem preparo. No próximo depoimento também sobressai a dificuldade de ensinar sem poder falar a língua materna

JBP- Quando no 4º ano do Ensino Secundário, depois da morte de Samora Machel, fui escolhido para lecionar e coordenar escola “Chamukiados”. Tinha dificuldades de preparar, fazer e corrigir as atividades. Como falar e planificar aula e entender os outros. Nos era proibido falar nossa língua materna e ir para a Machamba era o castigo... O castigo era trabalhar pesado...duro... duro nas machambas. A minha tendência era sempre de falar a minha língua. Isso era choque... viajar, pois estragam a cultura. A cultura não é estática, é dinâmica.

A formação, como visto, foi sendo oferecida concomitante ao trabalho.

4.2- Consolidação da docência

Recrutados ou convidados se tornaram professores, fazendo parte da geração 8 de março e consequentemente a carreira docente se consolida, até chegarem à docência na UEM. Interessantes percursos relatados a seguir, para formar o corpo docente da universidade. Inicialmente os relatos abordam como se deram as graduações.

TM- *Eu, eu fiz primeiro, a formação de professores em ensino de língua, primeiro Português, depois, Português e Inglês, depois, em 1986, consegui uma bolsa de estudos, fui para Lisboa e fiz a licenciatura, porque quis fazer, tinha tido uma formação muito interrompida. Então fiz a licenciatura em ensino de Português, ensino de Literatura Moderna em Educação, já era professora de línguas, e então e depois fiz o mestrado em Literaturas Africanas, e depois fiz o doutoramento em Literatura Tradicional, e eu sou especialista em provérbios, dou uma disciplina nova, muito difícil, é uma disciplina nova, e eu abracei-a, com muito prazer, mas a minha base é ensino, o que eu gosto, o que eu faço. Estudei na Universidade Nova de Lisboa, que também é uma universidade de esquerda, que nasceu praticamente depois de 1975, com muitos professores, que se tinham desvinculado do sistema fascista português. Estavam em França, quando se dá o 25 de abril, eles voltam. É uma história muito interessante... É um processo interessante, antes, nós ficamos independentes em junho de 1975. Mas, acontece que em Portugal, houve a Revolução dos Cravos em abril, houve a queda do fascismo. Essa queda do fascismo. Em Portugal, antes da independência, aproximou, os dois governos, estes acabaram com o fascismo, responsáveis pela colonização e de alguma*

maneira o processo da independência ficou muito mais facilitado, doravante os fascistas saíram do poder e entraram os democratas, o partido socialista, o partido comunista, o Mário Soares, e aquele todo movimento, não fascista que tinha sido derrubado com a Revolução dos Cravos.

Estudei em outros países... não foi só em Portugal, foi numa altura em que, em que, durante essa época, o governo apostava muito em bolsas de estudo. Aliás, eu saí de Moçambique, exatamente no dia em que morreu Samora Machel, foi muito triste, eu estava no aeroporto, no dia em que eu ia partir, ouvia só música fúnebre, porque tinha desaparecido o avião de Samora Machel, e quando cheguei a Lisboa, a primeira coisa que eu fiz, foi correr, comprar jornal, rádio, para ouvir se falava da morte de Samora Machel em 1986. Exatamente.

A formação destes professores é feita no exterior, pela escassez de docentes na universidade. A consolidação das carreiras passa pela formação universitária

AHMB – Samora ele morre, quando eu estava na União Soviética porque eu vou lá muito jovem, eu vou lá com 19 anos. Risos... saí, quando saí, vou para universidade, formado em Geografia, vou trabalhar como assistente. Tudo, sim, tudo girou a volta disso, na altura que eu entrei, eu fiz parte do primeiro grupo, é, como é, como é que digo isso. Silêncio... A universidade, e a faculdade, ela ainda, nem sempre teve aquele curso de Geografia. O curso de geografia, é, ele abre em 91, em 90, acho que foi isso sim, e é quando começam as primeiras inscrições dos atuais que podemos chamar de geógrafos, os mais antigos, são desse tempo, eu faço parte desse período que se começa ou se inicia o curso de geografia aqui.

E por que é esse contexto? Esse contexto pra mostrar o quê, não tínhamos, docentes, e até hoje se reflete um pouco, melhorou já. Na época, não tínhamos professores, então o que acontecia muitas vezes, era a única universidade, se não mandasse fora para estudar, então o recrutamento era feito a partir daqueles assistentes, e aquilo que se tinha na altura e agora pode ter desaparecido um pouco, o que se tinha na altura é que, os que já eram formados, não ficaram fora, eles já tinham monitores, quem coadjuvava, ajudava a fazer alguns trabalhos práticos que vinha mais próximo dos estudantes, estava lá, o que o regente não podia fazer, então passava lá para o monitor, já o monitor aí era aluno. Então, eu passo por esses momentos todos, e isso sem estar, como funcionário da universidade. Você como estudante e o docente identifica você lá como melhor aluno, na disciplina você tem, etc., etc., ele escolhe a você para fazer esse serviço.

Só que nessa altura por causa da falta de docentes aqui, isso aí até chegou a ser remunerado, esse trabalho de monitoria, mas era uma remuneração que não estava no quadro da remuneração da UEM. Agora isso, como pagavam, onde arranjavam, isso, não sei, mas havia um mecanismo que incentivava, porque era o que, era em função das horas de trabalho e depois, tinha aí um cálculo baseado em que, para compensar aí os monitores.

Então eu passo por tudo isso, quando termino, então, sou convidado para ser assistente, porque o assistente tem que entrar no quadro dos funcionários, não é funcionário permanente, não definitivo, mas já, nessa posição, você já deve possuir, fazer um contrato, com administração da UEM.

Como já foi dito os jovens eram convocados para serem professores, ou para o exército. Este docente passa pelas duas experiências:

AHMB precisava falarmos antes, mas hei de dizer que, é que quando eu estava fazer engenharia civil, vem também uma decisão central que obrigava ao meu grupo, a se inscrever, até nem é a se inscrever, obrigava a ingressar no exército. Quando eu estava no exército e eu fazia parte dos pilotos que tinham que garantir a segurança e o transporte dos altos responsáveis do Estado.

Então eu passo por isso, e é nessa altura porque tinha que fazer um contrato tinha que ter uma posição, pois não podia fazer isso enquanto estou no exército. Então por isso que eu preferi vir mais para cá do que ficar lá. E prontos, venho para cá, e sou, quer dizer, sou convidado, eu já trabalhava aqui. Isso significou ir para o centro. Quase os dois, os dois lugares, eu porque escolhi ficar na faculdade para dar aulas e era convidado aqui no centro para pesquisa, sempre trabalhei assim. Logo no início trabalhei assim. Já tinha lá disciplinas, onde eu coadjuvava o meu regente e tinha aqui, pesquisas, que também eu era assistente, foi sempre assim. Então, e isso acontece, porque eu fui fazendo isso nessa condição de monitor.

A saída dos portugueses não complica somente o primário e o secundário, setor mais problemático então, mas complica também a universidade que se vê sem professores e sem estudantes.

AS- Quando os professores portugueses vão embora, se calhar, a opção seria fechar a universidade? nós dissemos, não, não, não vamos fechar, vamos continuar. Então, há aqueles cursos que não eram prioritários, fecham. Na UEM, portanto, a UEM deixou de dar alguns cursos, também porque tinha poucos estudantes, uma vez que eram poucos estudantes no ensino liceal moçambicanos, porque, não só saíram os professores, mas, também saíram os estudantes, que eram filhos dos portugueses, foram-se embora. É só ver que em 73, 74, a população estudantil na universidade, chamava-se Universidade de Lourenço Marques, rondava os 4000 estudantes, dois anos, depois da independência, no entanto em 77, não passavam dos 700, não chegavam a 1000.

Portanto, os cursos na faculdade de letras, mas, para não ficar sem formação de quadros, os poucos que eram selecionados eram formados fora. Vamos imaginar, que por ano 5 – 10 para fazer Biologia ou Matemática, não vai abrir um curso com 3, 10, mas, no abrigo dos acordos, manda formar fora. E muitos desses quando regressaram, ficaram na universidade como professores.

Foi uma boa estratégia, e receberam uma boa formação, foram fazer cursos completos, nas universidades de prestígio, por exemplo uma das coisas que esta universidade nunca aceitou, graças a determinação, quer dos reitores, quer da Ministra da Educação na altura, a doutora Graça Machel. a esposa do presidente Samora Machel, ela era ministra.

Ficou uma dezena de anos, desde 75, até, ficou até morrer o Samora em 1986. E ela acompanhou todos esses processos, quer o Sistema Nacional de Educação, quer o desenvolvimento da própria universidade, na altura era a única universidade no país.

A universidade local fecha cursos e se concentra na formação de professores. É o surgimento da Faculdade de Educação, para formar professores para o secundário. Para outros cursos os estudantes são enviados para outros países. O país não precisava só de professores...

AS – Então, alguns colegas foram para o exército, foram fazer a formação superior na União Soviética, alguns deles, estão aqui, no governo hoje em dia, outros foram fazer, outros cursos, mas fora do país. Porque, porque a universidade, concentrou-se na formação de professores.

Esta universidade, cria a Faculdade de Educação, então, fecha por exemplo os cursos da Faculdade de Letras. Eles, do curso de letras, não foram afetados, porque terminaram o bacharelado, também foram recrutados logo como professores. Professor Silva, Professor Serra, a própria Isabel Casemiro e começamos a dar aulas na faculdade, começaram eles a dar aulas na Faculdade de Educação para formar então os professores que o país precisava, portanto, a Faculdade de Ciências, deixa também de dar os cursos de Matemática, Química e não sei o que, e os professores passam a formar professores, na Faculdade de Educação. Aliás, começou primeiro nas faculdades, antes de se formalizar na Faculdade de Educação, mas, o mais importante, é que houve a decisão de criar uma Faculdade de Educação para formar professores para o ensino secundário.

Este mesmo professor é chamado a fazer Ciências da Educação, na própria universidade local (Universidade Eduardo Mondlane), para formar o quadro de gestores da administração académica, além de dar aulas.

AS- No meu caso particular, não fui fazer o curso de formação de professores, fui fazer o bacharelado em Ciências da Educação. Fui eu, mais alguns colegas, porque era preciso formar técnicos em educação que não fossem necessariamente professores para gerirem a educação. Então entro em 1977, para fazer bacharelado em Ciências da Educação, na Universidade Eduardo Mondlane, este curso, primeiro funcionou na Faculdade de Letras e depois funcionou na Faculdade de Educação quando foi criado. Em 1979, eu sou convidado para ser monitor no Curso das Ciências da Educação, para preparar-me para a docência, e comecei a dar algumas aulas de Psicopedagogia na Faculdade de Educação, como eu dizia, tínhamos professores de Química, Matemática, Português e por aí fora, mas, era preciso ter um componente de psicopedagogia.

Quem dava isto, era a Faculdade de Educação, então, eu quando termino o meu curso, começo a dar aulas de Psicopedagogia para aqueles que iam ser professores. Porque, eu já tinha uma formação em Ciências da Educação, que abarcava psicologia, pedagogia, enfim, todas as disciplinas na área de educação, Economia da Educação, Sociologia da Educação, eram um bacharelado muito forte que nós tínhamos. Então é por isso que fui contratado para ser docente nesse departamento. Só que a minha trajetória é complicada,

o então diretor acadêmico nessa altura, é, vou dizer convida-me, mas, vou dizer, aquilo foi, não, você tem que vir por que a universidade também não tinha a administração acadêmica. Porque as pessoas que faziam isso, eram os portugueses e foram embora, então, o primeiro reitor, Doutor Ganhão, já falecido, infelizmente, precisava de criar os órgãos de gestão acadêmica. Tinha um diretor acadêmico, mas, não tinha pessoal, eu, já não fiquei muito tempo como monitor, porque tinha que ir à reitoria, fazer parte das pessoas que criaram aquilo que hoje é vice-reitoria acadêmica.

Então, eu e alguns colegas, fomos lá, eu trabalhei na divisão pedagógica durante alguns tempos, começamos a pensar nos currículos acadêmicos para universidade, também no recrutamento de docentes, tínhamos que recrutar os docentes estrangeiros por um lado, mas, também, os poucos moçambicanos que se iam formando para ficarem na carreira docente. Então, é onde eu acabei ficando mais tempo, na chamada divisão do corpo docente, então, recebíamos os currículos dos estrangeiros que queriam vir trabalhar aqui, tínhamos que analisar, ver o que eles podiam fazer, bom, eram contratados, vinham trabalhar.

Depois de criada a Faculdade de Educação, esta é fechada e, então, cria-se o Instituto Superior Pedagógico, também para formar professores, que depois se transforma a Universidade Pedagógica, também para formar professores.

AS- Não havia mais nenhuma, só era Universidade Eduardo Mondlane, até em 1986, quando se cria a Universidade Pedagógica - UP, era universidade, hoje é UP, mas era Instituto Superior Pedagógico. Aliás, este Instituto Superior Pedagógico, foi criado, quando fechou a Faculdade de Educação, que era, O instituto Superior Pedagógico, era mesmo para formar professores, em vez de ser a Faculdade de Educação, fez-se um instituto especial, só para formar professores aqui.

Mas era o embrião da Universidade Pedagógica, foi a Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, pelo que alguns docentes, foram para lá, incluindo o primeiro reitor, não sei quem, vinham da Universidade Eduardo Mondlane, com experiência na Faculdade de Educação. Então, criaram essa universidade a parte, é, que continuou a formar professores, ainda hoje forma professores.

A Universidade Pedagógica, está agora em todas as províncias, bom, foi uma opção política, criar uma universidade só pedagógica, por causa da importância da educação. E nós ficamos, com a nossa universidade, centrada nas áreas, nas outras áreas científicas. Sem a educação, durante algum tempo.

Ficou com Letras, Agronomia, Engenharias, Veterinária, e tudo mais, tudo, tudo, menos a educação, porque a educação, a ideia era como já havia uma instituição que formava professores, não, não havia razões para duplicar, os cursos eram tão poucos, se um faz, não vale a pena, porque são universidades públicas. Bem, tínhamos a UEM, era a única universidade e tinha várias faculdades. Uma delas, era a faculdade de educação, que foi criada exatamente para formar professores.

É esta faculdade de educação, que tinha várias formas de funcionar, primeiro, vinham estudantes com 9ª classe, não se não estou em erro, eram formados durante um ou dois anos iam trabalhar durante dois anos, voltavam, tinham uma formação ao nível superior, ao nível mais elevado, iam trabalhar, voltavam e faziam bacharelato.

O atual reitor, passou por isso, foi aluno na Faculdade de Educação, como o ex. reitor, ou professor Ngunga, conhece bem está experiência. Então, isto, era faculdade de educação, dentro da UEM, Mas em 1986, foi uma decisão que ok, criam o Instituto Superior Pedagógico, que agora é Universidade Pedagógica. Para formar professores, então, tudo isso que era para formar professores, passa para aqui, mas, esta era outra universidade, até hoje é outra universidade, e é quando fecha esta faculdade. Não fechou logo em 86, porque ainda tinha alguns estudantes, havia alguns cursos de Ciências da Educação lá que eu frequentei. Mas, acho que foi em 88, 89, fechou. E a formação passou a ser na UP.

Em 2001 a Universidade Eduardo Mondlane reabre a Faculdade de educação, não para formar professores, que continuam sendo-o na UP, mas para oferecer cursos de pós graduação

A Universidade Eduardo Mondlane, tinha agronomia, letras. Mas, como sabe, voltamos a abrir a Faculdade de Educação agora em 2001, se não estou em erro de novo.

PAS – Não é para formar professores, quem forma professores, continua ser a Universidade Pedagógica, é para formar, ao nível do mestrado, temos o mestrado em Currículo, penso que o Patrício já deve ter falado.

PAS – Então, de novo, temos uma faculdade de educação, mas, não com as mesmas características. E, sim pós-graduação.

PAS- Eu trabalhei um pouco na faculdade, dando as aulas de Psicopedagogia, como eu dizia, voltando a falar de mim, fui a reitoria, para fazer parte da equipe que criou a direção acadêmica, os currículos, a contratação dos professores, trabalhamos nisso, bom, de vez em quando vinha dar aulas de psicopedagogia, mas chegou um tempo que era muito o trabalho, e eu desiste e já não dava para dar aulas, então, fiquei na reitoria a tempo inteiro por causa da exigência do trabalho.

Então, em 1986, eu fui para Londres, na Inglaterra, para estudar para fazer o meu mestrado, então fiz aquilo que chamam diploma e depois o mestrado, então no diploma eu fiz duas áreas que era Desenvolvimento da Educação em Países em Desenvolvimento, portanto era um curso sobre Políticas e Desenvolvimento da Educação e fiz também Psicologia Educacional, psicologia da educação, eram duas áreas. Já no mestrado, eu fiz, especializei-me em Psicologia da Educação.

A universidade se consolida como uma instituição transnacional, em virtude dos acordos firmados para formar seus docentes também recebe pessoas de várias partes do mundo, o que proporciona uma riqueza extraordinária.

AS- Eu, devo dizer que, em 1983, e 84, tínhamos docentes de 40 países diferentes. Aqui! Era muita coisa, é verdade que havia nacionalidades dominante, e outros que eram duas, três. Chegamos a 40 professores, eu sei porque fiz as estatísticas, eu próprio, quando eu trabalhava na reitoria. Então, tínhamos, aqueles que vinham no âmbito dos acordos, a universidade tinha acordos com os países, alguns socialistas, mas, também com a Holanda por exemplo, acordos muito fortes com a Itália, com a União Soviética, com a extinta República Democrática da Alemanha. Com a Bulgária, enfim.

Nós tínhamos, tínhamos, aquilo que se chamava contratos individuais, tinha gente progressista que gostava de vir trabalhar aqui. Risos... Isto já foi um laboratório interessante, não é por acaso que o Centro de Estudos Africanos, era o Top laboratório, para além do ativismo da Ciência, vieram, essas pessoas como a Ruth First, Paulinde Bochar, era bióloga, trabalhava na biologia, até americanos tivemos aqui. Mesmo nessa época, eu tive professores britânicos, franceses, enfim. Daí que eu digo que chegamos até 4 dezenas de nacionalidades, também tivemos brasileiros.

Nesse período, corresponde a Ditadura Militar de 64 no Brasil, Muitos professores foram convidados a se retirar do país e alguns estiveram em Moçambique. Muitos saíram, sem saber para onde ir. Muitos saíram. Mas, também professores brasileiros aqui, sem dúvidas, tivemos, tivemos os brasileiros, mas, também os portugueses, uns que tinham ficado desde a independência, e outros que vieram mesmo. E, queriam trabalhar em Moçambique, vieram e deram uma grande contribuição e, havia esta riqueza da diversidade de experiências, mas, também havia problemas como, digamos, coordenar essas experiências.

Mas a riqueza de experiências e saberes também se transforma em um desafio curricular: a universidade deve ser nossa! O grupo se une para criar um currículo próprio.

AS- Era, bom, uma pessoa traz a sua experiência, acha que é importante, outro, nós acabaríamos ficando sem, portanto, um currículo nacional. Que respondesse ao interesse, é aí onde começa de facto, a necessidade de fazer uma planificação curricular. Porque, como pode imaginar, vinha um, um, um português, ensinar uma disciplina, uns dois ou três anos. E ensinava de acordo com a sua experiência, portanto, quando viesse outro era... nova história... Risos...

Veio um professor um holandês, bom, ele podia ensinar as coisas da sua maneira. Então, houve um momento muito importante que é a planificação curricular inicial, consistia em que, consistia em dizer, ok, para um curso de Economia. Uma disciplina qualquer, os temas têm que ser este, que era para evitar perfis diferente. Yeah! então, faz-se um currículo onde são definidos, os temas que os docentes deviam seguir independentemente de onde viessem.

Fomos nós, não fui eu sozinho, eu estive nisso com outros colegas moçambicanos, tivemos assessoria de docentes cubanos, de docentes holandeses, mas, não foi fácil!! Risos...

Também convidamos essas pessoas, os que eram professores para nos darem as suas ideias não foi fácil. Yeah! porque nós dissemos, nós queremos nossa universidade. Queremos as experiências, mas, a universidade deve ser nossa, nós é que temos que definir, os conteúdos temáticos, tendo em conta o perfil das pessoas que queremos formar, nós queremos um graduado para trabalhar neste país, então, o que é que importante, não é? Aí, as vezes ficávamos, eu lembro-me as vezes ia até meia noite. E, foi um momento exaltante, foi um momento muito lindo, muito trabalho, mas, ganhamos muita experiência, bom, e fizemos o primeiro exercício de desenvolvimento curricular, isto acho que foi nos anos 1984, 85, e hoje em dia, já se faz isso de uma forma regular, já se faz a chamada revisão curricular. Mas, para começar, não foi nada fácil, devido a essa conjuntura. Por outro lado foi interessante porque havia riqueza de opiniões, o problema era disciplinar essas guerras, porque há um que dizia, eu preciso estudar aqueles insetos, não sei o que. Risos...

Nós tentamos, tentamos nessa altura, e não tínhamos experiência, quase nenhuma, mas tínhamos essa determinação, queremos construir este país, queremos construir esta universidade... risos, tanto que devia ter fechado. Brincadeira...Risos...

A organização do currículo na nova estrutura da sociedade é tarefa de suma importância, segundo Paulo Freire

a delimitação do que conhecer para a organização do conteúdo programático da educação, numa sociedade que, recém saindo de sua dependência colonial, com tudo o que isto significa, se acha revolucionariamente empenhada na luta por sua reconstrução, é uma tarefa das mais importantes. A questão de fundo, pois, não está em apenas substituir um velho programa adequado aos interesses do colonizador por um novo, mas em estabelecer a coerência entre a sociedade reconstruindo-se revolucionariamente e a educação como um todo que a ela deve servir. (FREIRE, 1978, p. 87).

A consolidação da docência no ensino superior, passa além da formação na graduação, pela formação na pós-graduação. Os docentes passam, então, a frequentar universidades em outros países, para cursar mestrados e doutorados. Aqui uma experiência no Brasil.

AHMB- E aqui você é só quadro da universidade, quando atinge o nível do doutorado, antes disso, só tem aquele contrato. Então, eu, já estava aí a dar aulas no Departamento de Geografia, e é a luz daquele convênio, que eu, saio para ir fazer o mestrado na USP, e prontos, se tratou tudo isso ao nível das universidades, eu faço lá, aqueles, que eu até fiquei admirado, pensava que chegava na USP e logo ia a sala de aulas. Me meteram naqueles exames. Risos...

Eu tive que concorrer para uma bolsa ne, para poder ir lá estudar. Foi o que fiz. Depois, por coincidência consegui a bolsa da CAPES no Brasil. Foi a luz dessa bolsa que eu consegui garantir os meus estudos lá. Mas, a parte administrativa toda, foi a luz desse convênio para conhecer, etc., porque aí o meu professor cá, ele saía para o Brasil, dava algumas aulas lá, a luz daquele intercâmbio. Então, ele acabou tratando tudo isso e eu saí para ir fazer o mestrado, então, fiz o mestrado em 2003, terminei, vim para cá e continuei com as minhas atividades aqui. Felizmente, fui um dos melhores alunos lá, então não pude ficar mais tempo, consegui terminar antes e estava lá praticamente sem fazer nada, mas, prontos, aquelas articulações, e como não era brasileiro, e como já tinha tudo, não me restava nada, então consegui fazer aquilo em menos tempo. Fiz quase 2 anos e voltei. E fiquei cá, mas também veio de novo essa preocupação que só com mestrado, daí me preocupei de novo para fazer o doutorado, também, como eu já tinha aquelas ligações, a luz do convênio que existe, tratei disso e fui concorrer a uma bolsa, só que desta vez consegui a bolsa da Fundação Ford, e fui lá fazer o doutorado no Brasil /USP.

Até em, aí tem um instituto Afro- Americano, e eles é que eram os representantes dessa linha da Fundação Ford para bolsas de estudo, então,

concorri cá, consegui a bolsa e fui fazer o doutoramento de novo lá no Brasil e na mesma universidade com a mesma supervisora e com o mesmo ambiente que fui fazer o mestrado. E prontos, e terminei o Doutorado agora em 2009, porque também consegui fazer isso em menos de 4 anos, e prontos.

Sim, voltei para aqui, porque, quando nós vamos a formação, temos um contrato de formação, que nos obriga que depois de nos formarmos, devemos voltar para cá, ne. E estou aqui, apesar de agora estar preocupado em ir fazer o pós – doutorado. Risos...

Este docente analisa o momento de transição na Universidade, quando a primeira geração pós colonial se afasta e vão sendo substituídos por novos docentes, na sua opinião um movimento positivo.

PCMB -Mais a cada vez, essa elite, eu acho, a população branca, não sei, qual é a estatística tende a diminuir em África. Acho que sim. A população está a crescer, é verdade que nos últimos tempos chegaram mais pessoas de raça branca, mais que não são moçambicanos, Yeah? Que vieram por razões económicas, o que quer dizer é, as outras universidades começam a ter, já tem a maior parte, das pessoas que dirigem a universidade, creio eu, são pessoas negras, a elite universitária é negra.

PCMB- Aqui em Moçambique os negros muitos deles estudavam durante o período colonial. Era sofrido. Uma ideia muito boa sobre isso, sobre o ensino superior, lembro-me nos finais dos anos 90, em 97, não, 98, a universidade era na altura dominada por professores, que tinha restado do colonialismo.

PCMB- Professores que tinham, quando houve a transição, para a independência estavam acabar os seus cursos universitários, alguns colegas aqui, os brancos que estão aqui são desse tempo, e as pessoas é que dominaram lado a lado, com os professores que vieram do leste europeu...da Bulgária, da antiga União Soviética. Esses professores, é que dominaram a cena, o ambiente universitário dos anos 80, finais dos anos 70, toda década de 80, até finais da década de 90.

PCMB - Quando muitos jovens que se licenciaram, porque, o que é que acontece, na minha opinião, muitos jovens que entravam nos cursos ofertados nos anos 80, não saiam para fazer pós graduação, ficavam aqui, havia muita necessidade de mão de obra, não havia tempo a perder fora, era preciso, trabalhar aqui...começo económico, pós-guerra. Mas, a minha geração, acabou o curso e lá foi fazer pós-graduação. Fosse estudar fora do país, a minha geração, fez o mestrado e fez o doutoramento, fora do país, já muitos, estão a regressar, eu acho que a qualidade do ensino, vai melhorar, na minha opinião, vai melhorar. Hoje está em baixo, é verdade, porque reformaram professores mais velhos e ficou um vazio muito grande. Dentro da universidade, sim, depois há muitos jovens, interessados, há muitos moçambicanos que estão a fazer cursos de pós-graduação, mestrado, doutorado. E que vão voltar, muitos deles, podem ficar uns, mas outros tantos, voltam. As pessoas que vem prestar qualidade ao ensino superior, vais ao Brasil, vais China, vais a Europa – Portugal, vais a África do Sul, há muita gente que se está a formar a nível da pós-graduação e que eu acho que nos próximos 10, 15 anos o cenário vai mudar completamente. A Itália, na área da arquitetura destaca-se e, Moçambique faz muitas atividades com a Itália. É verdade, que haverá necessidade de investimentos, porque as condições salariais dos professores universitários, são baixas com os docentes predominantemente negros. Não era assim há 15 anos atrás, não era assim. Não era. Quando eu estudei, não era assim. Nós temos aqui uma boa elite

negra. As elites não negras, tem um punhado de brancos, não sei como é que é, mas, eles não têm muita expressão política. Risos...Nem pensar, são chamados na política, para dar apoio, e quando se cansam deles, “pam”, fora! Porque o Partido da FRELIMO é muito poderoso, é extremamente poderoso. E não dá espaço, espaço para liberdade intelectual, não dá espaço para independência académica. Não existe liberdade intelectual...

Este depoimento traz elementos importantes da formação, e do racismo sentido, fora de seu país, ao longo de sua experiência em dois países - um deles o Brasil

JBP- Candidatei - me como professor na UEM e UP. E, fui apurado em dois sítios. Escolhi ficar aqui. (UEM). Escolhi a UEM para ser professor assistente, que significa auxiliar, e dar aula, do professor Dr. Brazão Mazula, em 2003, reitor dessa universidade. Com a disciplina Filosofia da Educação e Ética. Eu tinha paixão de ser padre, de pregar o evangelho e falar com as pessoas ...entrar em contato com as pessoas, conviver e falar com as pessoas... e a única maneira seria ser professor... esse espírito de padre

Em 2007/2008 recebi bolsa de estudos da Cooperação Francesa e fiz Mestrado em Filosofia. Como é um africano sair de Moçambique e ir a Paris estudar Filosofia. Senti um certo preconceito. Como é possível um negro falar de Filosofia em 2008... tinha gente que ficava espantado.

Fiz Doutorado 2009/2013. No Brasil país com racismo muito forte. Imagina só reservaram me um quarto no hotel de luxo no Rio de Janeiro. Todas as manhãs na sala de café perguntavam com olhar diferente: “O Senhor está hospedado aqui?” O racismo também existe aqui em Maputo. Os brancos sul-africanos em relação aos empregados ainda soltam cães para mordê-los como represália/castigo. Tem brancos aqui que não permitem que seus empregados trabalhem com calçados devem permanecer descalços. Os brancos ocupam os sítios mais estratégicos. A política não discute nesse sentido a perda de espaço dos negros em Moçambique. A questão econômica está acima.

À medida que as carreiras se consolidam, os docentes também passam a realizar as suas próprias pesquisas, que se misturam às narrativas dos percursos percorridos.

AN- *À medida que estudava dava aulas. Em 1982 devia dar aulas. Mas em 1983 fiz a Faculdade de Educação com notas altas.e, disseram-me que não precisava voltar a dar aulas. Precisavam de mim aqui na Universidade [UEM]. Em 1984 terminei e fiz exame e tinha sido monitor e na própria UEM. Fui contratado para ser assistente de estagiários na Letras. Estou na UEM desde o ano de 1983. Posteriormente fiz mestrado e fui fazer doutorado nos E.U.A e, sou pesquisador da língua Bantu e defensor do Ensino bilingue. Acredito que devemos sim falar o Português e mais uma língua africana originária nos sítios do governo e nas escolas.*

TM - *Eu sou professora de Literatura e línguas Bantus, a minha obrigação é procurar literatura de línguas Bantus e literatura oral, literatura escrita de línguas Bantus, para discutir com os meus alunos.*

É um resgate muito importante que nós fizemos com os provérbios e há pouca gente com esta formação, sou eu, o Lourenço do Rosário e o Xopela...Silêncio... Penso que na literatura oral mesmo, somos três ou quatro só.

Eu tenho muitos alunos, eu tenho muitos, muitos alunos, eu faço seminários e palestras, tenho muita visão, e eu publiquei um livro sobre provérbios Macuas, de Nampula, e tenho um livro que é provérbios Macuas Tsongas, não sei se tenho aqui, mas, está esgotado. Esgotou e já não tenho aqui. O último livro, não sei se tenho aqui. Depois tenho minha tese de doutoramento, que é “A representação do poder nos provérbios, caso Tsongas”, que é o grupo do Sul, já não é comparativo, mas é no grupo do sul. O próximo vem aí, e verei como será.

A minha filosofia é completamente diferente, eu acho que tenho coisas que mais ninguém tem, então quanto mais gente tiver, melhor, se eu tiver, o que eu tenho e o que outro tem, então sou mais rica, não é verdade?

Se eu conheço a língua deles, ainda bem, se eles conhecem a minha língua, é uma vantagem. É minha identidade que está em jogo, não é aquele nacionalismo chato, radical, que impõe xenofobia, que impõe racismo, o meu nacionalismo é um nacionalismo aberto, que tem que ser assim, todos os dias, eu já li a literatura portuguesa, chinesa e japonesa (falo todas essas línguas), leio muitos provérbios japoneses, chineses, de Timor Leste, eh, é, é riqueza...é valor, que faz parte de um conjunto de elementos que só enriquecem, se fosse eliminado, não há uma faixa de saberes em detrimento de outros.

O saber é uma coisa coletiva, eu não posso linearizar o saber. Linearizar o saber é o poder em nome da globalização, é perda total, não é. É, é, nós digamos assim, criar, qualquer coisa de incaracterístico, os, na Europa, os países mais ricos, essas, essa busca pelo tradicional, é muito viva, e é defendida pela UNESCO.

E para terminar uma reflexão que é, praticamente, um resumo das experiências vividas de jovens professores que, ainda estudantes enfrentam o desafio de educar

TM- *Então, fomos dar aulas como estudantes universitários que tinham interrompido a formação para socorrer as classes mais baixas. Houve uma segunda geração, depois destes, de forma mais ou menos continuada fomos nos revezando, e depois ficamos mais livres, e eu continuei com a minha formação, eu, fiz a licenciatura, fiz o mestrado e doutoramento em Portugal, mas, o que se nota, é que, está é a minha trajetória pessoal. Mas, há outras trajetórias, outros colegas foram para outros países, outros colegas ficaram aqui, mas, na verdade o que aconteceu, é que nós nos apropriamos deste espaço, educação.*

E embora não haja muita coisa firme, porque é um processo de formação, não há uma satisfação plena. Moçambique tem perfil de formação moçambicana, muito ligado com o que é africano, se calhar, não bem harmonizado [...] o que é uma preocupação. Mas, tem sinais positivos de consolidação de um processo

autêntico, indígena, nacional, com muitas nuances, mas que, eu acho que é uma progressão, é uma progressão continuada, sim.

Destaca-se nas falas dos diversos professores a rica experiência docente junto a outros professores, de diferentes nações, domínio de várias línguas.

4.3 - Movimentos, impasses, conflitos, rupturas e êxitos

Dentro das narrativas da docência no ensino superior outros pontos foram aparecendo, expondo a dialética das vidas vividas. A narrativa da infância até à docência foi privilegiada de forma - quase – linear anteriormente, aqui serão abordadas outras narrativas presentes nas histórias de vida.

A questão das línguas tradicionais e o conflito de gerações emerge do diálogo entre a pesquisadora e o docente abaixo.

VB - *Como é que, você é uma pessoa que circula muito bem, você consegue circular legal no meio tradicional e na universidade?*

CMB- *Sim, sem problemas nenhum, sim, pois eu convivo com isso a todo instante em casa, na família, no dia a dia com as outras pessoas. Os alunos jovens e jovens a maior parte enfrentam conflitos de tradições, porque há maior parte deles, não têm muitos conhecimentos, tu sabes que, uma boa maneira de tu circulares num meio, é dominares a língua materna. Se não falas a língua, vais ter dificuldades sérias, muitos dos meus alunos, não falam a língua, são pessoas que nascem e crescem no meio urbano pós Independência, tem muitas dificuldades de compreender as nossas línguas maternas e não compreendem o Changana. Ou não compreendem o **Ndau, Sena ou outras línguas tradicionais que hoje são em média 40** (grifo nosso), porque aqui na universidade, eles vêm de todos os pontos do país. Depois são pessoas que têm essas dificuldades de entenderem o sentido das tradições, sentem esse problema. Não conseguem circular bem na tradição e na modernidade com a mesma facilidade. Eles não querem saber do Changana, é isso.*

VB - *Um aluno no interior da UEM disse-me; - Eu quero estudar o português, quero arrumar um emprego, Tradição, isso é coisa do passado, minha família enfrenta um problema muito sério pessoal, em casa. Ele me disse o seguinte: “Que na tradição familiar dele, quando as pessoas falecem, ficam cerca de uma semana em casa com um tipo oração, todo tipo de ritual para aquela pessoa que estava morta, vem pede perdão aos membros da família, cantam, e mais não sei o que”. E aí ele me disse, meu outro avô, quando fez 20 da sua morte, meus familiares foram num sítio, onde o avô morava, o avô era um chefe tradicional da localidade. E aí, chegou lá, os mais velhos, começaram a fazer relato, do que é que o avô fazia, e aí, ele falou assim, “no próximo ano, eu não vou”.*

Ele disse que não vai. E aí eu fiquei pensando, na universidade, no fundo, contribui, ou ela ajuda a afastar isso? Perguntei para ele. Ele me disse assim,

eu tenho um único professor que me diz, você quer aprender a falar Changane. Não quero, eu acho que isso para nós é um atraso de vida. E aí o colega que estava de lado, ficou bravo entrou na entrevista e disse: “Você não está respeitando os nossos antepassados, alguma coisa assim. O meu entrevistado disse – eu não acredito nisso”.

CMB- Tenho sorte nesse sentido pois entendo bem a razão das tradições milenares e entendo o que os jovens dizem. Acho que sim, penso como o diretor: valorizar o Moçambicano, nesse aspecto estou com ele.

Dentro da narrativa do 8 de março também aparece a figura de Samora Machel.

Eu ouvia falar em casa, eu não conhecia Samora Machel, mas para mim, eu via na televisão, ia aos comícios. Quando nós chegávamos para vir para o 8 de Março, viemos de diversas províncias. Samora veio receber os estudantes ao 8 de Março. Então, ele foi ao aeroporto, e ele não foi sozinho, ele estava com diplomatas, com o corpo diplomático e dizia assim “estes são os nossos jovens, nossos continuadores, a nossa seiva”, então, aquela força não é? É esse contato que eu tive, mas, mais do que isso... isso era muito importante porque tínhamos saído de uma guerra como vitoriosos e libertos.

Ainda sobre o 8 março e a forma como os jovens eram encaminhados à docência expõe a crítica e revela seus sentimentos sobre o período.

TM- É assim, nós viemos para o 8 de Março, eu já estava a fazer licenciaturas... Yeah! Não sabíamos muito bem, ficamos todos no mesmo sítio, no mesmo edifício. Ficamos e assim que éramos entrevistados, e a partir das entrevistas, eles viam qual era, a vontade, não sei se existia a vontade, mas, para onde a pessoa teria mais sucessos... ou tinha interesse.

E havia uma crítica também, é que algumas pessoas, iam, eram colocadas, para o propedêutico, que era o forno para poder passar para universidade, e havia uma tendência de se dizer que “Ah! eles escolhiam as pessoas menos afortunadas para fazer curso de formação de professores, iam mais brancos para o propedêutico!” Mas se isso aconteceu, são visões e se dizia que os filhos do povo, eram encaminhados para o curso dos professores, ora para o serviço militar, são leituras.

Eu fiquei no curso de formação de professores, e..yeah!, por vários motivos, fiquei desanimada, chorei muito, “mas onde é que estou”? Talvez um pouco por ter sido orientada, adolescente, fui orientada. Então se calhar, foi por isso que, a minha visão foi essa. Mais tarde eu me encontrei, e sou professora hoje. A maior parte das pessoas fizeram cursos de formação de professores. Foram professores, depois saíram poucos, nós fizemos a nossa trajetória aqui. Tudo começou assim. Houve um comício... um comício, em que Samora Machel, anunciou... Lá em Nampula, mas, eu não percebi, eu não percebi logo, tinha menos de 14 anos, era jovem...muito jovem.

E continua... agora expondo os sentimentos das famílias sobre o 8 de março, naquele momento.

TM- Então ouvíamos com os nossos pais e dos outros pais “agora os nossos filhos vão deixar de estudar para irem na formação”, então a minha mãe sentia

muito... na minha casa eram logo dois filhos. Da casa da minha amiga, também iam dois filhos, então os pais encontraram-se e disseram: “Os nossos filhos vão nisso, arrancam-nos os filhos assim!”, aí, uns pais diziam “tem que ser...” nem por isso alguns concordaram. Isso é dinâmico, não é tão linear, mas não tinham como dizer não, era revolução! Era revolução!! era revolução!!

*E, e, e, nós estamos aqui, e este país sobreviveu a nossa, a nossa custa, digamos assim, à custa de sacrifício de várias pessoas. Eu ouvi um monte de discursos, geração da libertação, geração dos Chissanos, do Samora Machel, do Guebuza, da Graça Machel, que é a Geração 25 de Setembro, dia 25 de setembro é o dia que começou a luta armada. Então depois da Geração de 25 de setembro, tinha-se que fazer a transição para uma geração nova, depois dessa geração nova, como é que é, a dinâmica, a análise, da dinâmica de Moçambique é feita com a constituição de gerações. Eu acho que é um pouco assim por todo lado, e não se pode viver de forma linear. Eu vejo assim, é meu olhar... acho muito bom falar sobre esse tema da sua pesquisa. **É a primeira vez que falo, na minha vida, do que eu vivi no momento de Independência de Moçambique e da minha formação como docente, a UEM e minha vida** (grifos da autora).*

Havia muitas visitas do governador da província, queria saber como é que estavam os meninos de 8 de Março. Havia uma grande, um grande carinho por nós. Se eu dizia que estava doente, imediatamente vinha o diretor, eu era uma menina muito mimada. Começava a chorar, imediatamente vinha a senhora da secretaria, perguntava, o que eu tinha, depois viam... se nós tínhamos tido uma boa refeição, portanto, havia muito carinho, a volta disso. Em 1978. Já..em 1979, eu fui para Escola Secundária de Ribawe, que era uma escola do partido a Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO. E foi uma experiência, também, boa, curioso, nessa escola que já tinha, uma tradição da luta de libertação nacional, havia professores moçambicanos brancos, professores da Alemanha do Leste. Eu, na verdade, era, havia alunos seniores, que ficaram professores também, mas que era um processo de transição. Eu tinha a impressão em outras escolas que se houvesse um professor branco estrangeiro, era uma exceção, ali, era quase regra. É a minha visão daquilo que vivi... a percepção de uma menina que estava com 14 anos de idade, viu a libertação e Independência de Moçambique e fez parte da primeira geração de professores num país que lutou e sofreu pela liberdade. Geração 8 de Março!

Os jovens foram chamados a contribuir com a reconstrução nacional, mas também pagaram um preço. Paulo Freire chama este “preço” de “suicídio de classe”

Daí que a transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador exija um esforço interestrutural, quer dizer, um trabalho de transformação ao nível da infraestrutura e uma ação simultânea ao nível da ideologia. [...]. Neste campo ainda, o da transformação do sistema educacional herdado do colonizador, uma das tarefas a ser levada a cabo será a da capacitação dos novos quadros do ensino e a da re-capacitação dos velhos [...] são os que aceitam e cometem o “suicídio de classe” [...]. Isto significa que, para cumprir perfeitamente o papel que lhe cabe na luta de libertação nacional, a pequena burguesia revolucionária deve ser capaz de se suicidar como classe para ressuscitar como trabalhadora revolucionária, inteiramente identificada com as aspirações mais profundas do povo a que pertence. (FREIRE, 1978, p. 16)

Uma geração que se sacrificou em prol do bem comum. No processo de liberdade também houve conflitos, inerentes em uma guerra, sabotagem e castigos, relatados pela docente

TM- Os processos não são lineares, houve um grupo houve divergência de idéias. Pessoas dirão o processo não foi linear, houve um grupo aqui que ficou, e que era conotado com sabotagem, quebravam as empresas e as fábricas, ou sabotavam as fábricas, não queriam deixar um bem, para este projeto Moçambique-Novo. Então sabotavam, Yeah... estragavam as máquinas das fábricas, é, queimavam machambas, não queriam deixar, fruto do seu esforço para o país nascente, de negros. Então, em alguns casos, o governo foi... foi muito forte. E expulsou-os de Moçambique.. Expulsos de verdade.

Chegou num tempo que houve castigos. E os castigos, um castigo para certos portugueses, foram expulsos... o "24 por 20", que era o prazo de saída em 24h,e, levar 20kg de bagagem, determinada pelo nosso presidente, e tinha uma alcunha, que era 24-20 determinado por Armando Guebuza, que,era ministro, e ele tinha alcunha 24 por 20. Tinha alcunha, 24-20, 24 horas para deixar o país, com 20 kg. O aeroporto estava cheio de pessoas. Era ministro de qualquer coisa, e ele era muito radical, como é até agora...e ele dizia 24/20.Isto é um contexto importante, é uma visão, de uma menina que tinha 14 anos.

Mas o movimento revolucionário era tão grande, que andava todo mundo curioso, em casa, na escola, e, e, nos cafés. E era assim, assim, uma grande revolução, era uma grande revolução, e houve uma grande adesão, e há pessoas que foram se desiludindo, porque a revolução não era um prato bonito todos os dias. A revolução tem custos, tem sacrifícios, e há mudanças, nós confiamos as vezes em pessoas que nos desiludem. Então esse foi um processo, um processo muito bonito, muito doloroso, muito intenso, com muitas cores, quando digo muitas cores, refiro emoções, positivas e negativas, mais ou menos, isso não foi tão pacífico assim.

E na dialética da guerra havia também corrupção, pena de morte e até fuzilamento.

TM- Mas você há de encontrar pessoas que tem leituras completamente diferentes, uns vão dizer que nós vivemos no período de fascismo, que havia fuzilamentos, quer dizer, era uma transposição do movimento de libertação... Militares postos como políticos, então, os casos de corrupção, não eram perdoados, eram, eram punidos, com um dos maiores, maiores castigos, que era o fuzilamento...fuzilamento era algo comum nesta altura...para tentar organizar o país. Então, Yeah! É preciso entender um pouco os contextos, nós éramos linha de orientação comunista.

E a pena de morte, havia pena de morte, estava lá escrito na Constituição, estava lá dentro da Constituição. Eu gosto de pensar positivo, eu gosto de pensar memórias, eu gosto de contextualizar práticas, é preciso contextualizar. Pois quem estava lá tinha outra... teve outra visão.

Hoje a dinâmica do mundo muda tão depressa, mudamos para um país hoje onde não há pena de morte. Seria impossível pensar num país onde não havia pena de morte. A revolução é radical, e nós temos, e as pessoas muitas vezes...pensam e agem de formas diferentes. É preciso... ter esse olhar assim, nós não estamos bem, nem politicamente, nem socialmente, há muita crítica a esta governação. E as pessoas dizem, "que saudades de Samora Machel". Um movimento quase mítico, a favor de Samora Machel. [...] Então está forma

mítica de querer reviver essa imagem de Samora Machel, é assim a memória de Samora Machel, também é resultado da comparação, entre o que nós perdemos. Aquilo que ele dizia, porque, são discursos muito atuais, educadores, com, com valores muito positivos, eu, eu espero que leia os discursos de Samora Machel. Com muitos slogans, “educar, educar sempre”. “Fazer da escola a base para o povo tomar o poder”, por exemplo. Olha essa frase, depois destes anos todos eu ainda a tenho na cabeça, eu era muito jovem.

Na revolução também há violência, uma violência necessária, que segundo Paulo Freire difere da violência do opressor

Aí está uma diferença radical entre a violência dos opressores e a violência dos oprimidos. A daqueles é exercida para preservar a violência, implícita na exploração, na dominação. A dos últimos, para suprimir a violência, através da transformação revolucionária da realidade que a possibilita. (FREIRE, 1979, p. 32)

O contexto **guerra** esteve presente em vários depoimentos, alguns já explorados. Especificamente será discutido abaixo o recorte das entrevistas que exploraram e expuseram suas visões sobre a FRELIMO a Frente de Libertação de Moçambique que posteriormente se torna um partido político.

AHMB - *Quero comentar sobre a guerra foi mais para o norte, que é na província de Cabo Delgado. Não é lá onde eu nasci. Eu nunca vi nada sobre a guerra. Nada. Eu sou da província de Nampula...bom, até como guerra, a província de Nampula, ela pode ter sentido efeitos assim, mas é, a guerra como tal para independência, a província de Nampula, ela só teve, alguns casos esporádicos, mas, não foi nada... mais marcante como as províncias mais para o norte, que é Cabo Delgado onde iniciou a guerra.Yeah! se deu por lá, em Cabo Delgado, como demonstra a história, essa frente, que é a FRELIMO, estava na Tanzânia, que é um país mais para o norte, não é? Nessa área que se fala do gás e petróleo, é por lá. É assim, tudo começou lá, e por azar de novo tudo começa lá. Então o início da luta armada, está relacionada com essa região. Pois. Então, bom, é claro que a minha crise, é justamente essa porque, essa influência que a colonização teve, fez com que aquele ambiente que nós tínhamos como assimilado era o melhor. Ser assimilado influenciava bastante..tudo..não vou dizer explicitamente. Nós ouvíamos também falar da FRELIMO de um modo pejorativo, criminoso, tinha aqueles nomes, turras, e outros, é o que os portugueses chamavam. Bom, é o nome era FRELIMO, só que na altura, se chamava Frente de Libertação, só que, o que sucedeu é que no congresso em que a FRELIMO se torna um partido. Ela é apenas, sim, usa a mesma sigla, que é a Frente de Libertação de Moçambique, então, a sigla que é FRELIMO, mesmo FRELIMO é frente, só que quando a gente diz hoje FRELIMO, FRELIMO, parece um nome, mas, FRELIMO, significa Frente de Libertação de Moçambique. Só que pelos estatutos, essa frente se transforma em partido. Frente que se torna um partido político. Sim mas, o nome já vem desde a sua fundação. [...] Então, mas aquilo da presença da FRELIMO, da luta armada, nós sentíamos isso, porque na escola já se falava disso, era comentário, grupo de “turras” que querem sei o*

que, que, que, que, e, a claro que nós ficávamos aterrorizados, porque prontos, a palavra “turra”, os portugueses chamavam de turras, a FRELIMO... terroristas. Eram terroristas.. só que turras é um termo mais...mais pejorativo, sim, mas para terrorista, né? Então, nós ficávamos com medo, porque nós não entendíamos, isso..que se tratava de uma frente que era para libertar, para nós aquilo era o status normal das coisas.

Dentro desse contexto de guerra, para as crianças ser colonizado era normal, nem se davam conta, mas depois da independência sua família é afetada no desmanche do aparato colonial e a perda do emprego

AHMB- E aí, e essa ideia, de que havia colonização, não sei o que, pelo menos eu, não sei os mais velhos, para nós isso não se fazia sentir, porque se considerava uma pratica normal de relação entre Portugal e Moçambique, e eu, no meu caso, não sentia essa, porque, talvez nesse período, eu não senti muito que era isso a condição de exclusão, ser marginalizado, eu não senti isso, porque como assimilado convivia normalmente com aqueles outros. Muitas vezes, e até tinha amigos e amigas colonos. E na altura, eu não sentia, essa divisão.(ingenuidade) !!!

Então, é, o, o que eu senti de verdade, foi quando se atinge a independência, esse momento de transição, esse é que deu para sentir as diferenças entre um momento e o outro. Porque, é, o, o primeiro do, talvez marco, não digo que me incomodou, mais, quer dizer que até afetou a minha própria família, é que depois da independência, houve um decreto, eu não sei onde que anda isso, se tem escrito, mas que exonerava todos os funcionários que pertenceram ao aparelho colonial, porque houve uma altura em que, todos esses estavam fora e não tinham direito ao emprego público, e ficaram fora do, do sistema.

E aí, foi muito forte, porque eram colocadas fotografias dessas pessoas para todo mundo saber que são estes. mais aqueles, que não têm estes e mais aqueles direitos, isso, foi muito forte, de certa maneira me magoou e até hoje continuo a considerar essa forte mágoa... mais pelo político, e para alguns interesses que eram mais individuais do que para o coletivo. Porque o que tínhamos é que, muitos funcionários, apesar de serem do sistema colonial, tinham essa formação, eram profissionais, eram despedidos porque eram coloniais. Bom, mas, mais se mudou um pouco, já se admitia um ali, um e outro, dali, não sei que, etc., etc., mas, naquela altura foi muito forte.

Foi mesmo naquele período da independência, 75, 76, 77, vivemos esse período conturbado, em que dava para perceber, que de fato agora o sistema mudou. Então, para nós que, que de certa medida, esse decreto, essa decisão, até afetou minha família, então, isso eu senti o efeito disso. Porque não foi só para meu pai de modo específico, mas também alguns dos meus tios que foram afetados por aquela medida.

Bom... (silêncio) então... (silêncio) mas, julgava-se por se tratar de obediência ao sistema de colonização, não concordância com colonização, talvez, não se muito sentiu, porque toda aquela ideologia que depois a FRELIMO começou a veicular, essa é que começou a prevalecer. Mas, no que diz respeito, sentir que no tempo colonial, que as pessoas sofriam, não sei o que, não sei o que, poderia ter sentido, porque até mais para o oriente, que é a região onde, onde, região originária da minha mãe. Lá teve muito sofrimento. Porque onde morávamos era quase um cruzamento, assim, meu pai é mais para norte, para Cabo Delgado, enquanto a minha mãe, é de mais para o sul e para, para o oceano, é duma região mais próxima do oceano. Acho que já ouviu falar de

Nacala, que é uma das zonas econômicas, tem um porto. Está na região da costa e Netia, é um ponto central mais para o interior. Então, naquela zona, tinham lá plantações, que eram um dos sistemas agrícolas, quer dizer, que em Moçambique, se utilizavam, sistemas de plantações naquela região originária da minha mãe, tinham lá plantações de sisal, algodão etc., etc. Que eram regiões onde as pessoas eram obrigadas a trabalhar, trabalho forçado, nessas plantações. Hoje, em alguns locais, foram transformados, até em campos de reeducação, pela FRELIMO, e até hoje lá continua uma das prisões que o Estado usa para mandar as pessoas. E nessa região, no período colonial, havia uns heróis que não estão oficiais aqui, tem aí nesses lugares heróis de resistência, resistiam a esses trabalhos forçados. Isso no período colonial.

E aí, há até histórias de inviabilizar o trânsito ferroviário que transportava aquela matéria prima produzida lá. Já ouvi dizer que a população a noite escondido colocavam as sementes de algodão em água quente..ninguém queria ser forçado a trabalho pesado...tinha resistência...sim. Ninguém vai falar isso. Temos histórias de resistências da população. E tinha essas histórias e pronto. Bom, tirando isso, o que se sente mais ali, é esse fato, das decisões da FRELIMO, quando chegam, é quando a gente começa a sentir isso, senti muito. Houve também algumas expropriações, e aí os meus pais, também eram proprietários de terras, e alguns, depois teve conflito com FRELIMO sim. Com a independência, houve essa expropriação. O curioso disso, é que, quando passou aquela decisão, de que os funcionários do aparelho colonial não tinham direitos de isso e daquilo, o curioso é que depois o meu pai foi nomeado para o cargo de secretário da FRELIMO lá na localidade. Risos... os agentes da FRELIMO perceberam que meu pai, não era qualquer um, ele tinha esse trânsito, falava português, vestia igual aos brancos, assim, não é a questão de ter roupas, ele era um professor...Sim, sim...estou a querer dizer que era um homem que já era outra pessoa, isso é lógico que meu pai, tinha esse diferencial e aí, eles o nomearam secretário dali da localidade, para representar o partido. Mas, é justamente isso, porque, até agora, apesar de ter reduzido um pouco, o que ficou é isso, porque, era todo uma questão não só de poder, mas, o prestígio todo que a comunidade tinha, porque até hoje, mesmo quando chego lá, há pessoas que dizem chegou o filho do fulano, não sei o que, porque, são lugares que desde pequenos, que as pessoas se conhecem. Por isso que eu disse, houve um erro, ter aquela decisão, porque, mais tarde, é que se sentiu que eram pessoas que tinham uma certa influência e que eram importantes para consolidar, essa mudança. E nesta altura eu já estava num outro local, fazendo o ensino secundário, que já é em Nampula. Bom, mais uma vez. Porque aí já é outro contexto. Bom, neste novo contexto, mais uma vez, era fora de casa, porque como, eu já morava de cidade em cidade, essa guerra civil, ela se fez sentir um pouco, mas, não foi tão forte para as cidades. Sim, ela se fez mais sentir no meio rural e nas pequenas vilas. As cidades são lugares que não foram assim, tão afetados. É claro que como conjuntura, isso afetou psicologicamente, tinham que se cuidar, se esconder a noite, mais, as cidades elas não foram influenciadas grandemente. As cidades, principalmente, as grandes cidades, ela não se fez sentir. Então, eu depois, quando começa a guerra civil, bom, assim começou a minha história... começa, alguns anos depois da independência.

Sim, mas, agora quando a guerra começa causar mortes, principalmente nos anos 80, principalmente nos finais, na segunda metade, já estava na cidade da Beira que é em Sofala a fazer o ensino médio. A guerra se torna mais forte, quando eu estava fazer o ensino médio, que dura até hoje.eu... Já tinha, eu faço isso com 17 anos, 16, 17 anos, é quando eu estava lá. Então, o interessante até nessa altura, era forte, apesar de estar na cidade, nas áreas

circunvizinhas, era forte, sem contar com o fato de se tratar de uma região, em que o movimento lá da RENAMO¹ é originário. E a sede deles está lá. Isso de Satungira, é lá, é lá naquela região. Satungira, o líder da RENAMO, ele está numa região, chamada Satungira, que é na Gorongosa. Se quiser ouvir mais detalhes de lá que é na região central, aí onde agora se ouve a todo esse conflito, que tem guerra, se matam. É lá, onde sempre foi forte a questão daquela guerra, guerra mesmo, a tal guerra civil. Enquanto que a guerra da FRELIMO, é lá mais para o norte, essa da Renamo, foi focalizada lá, no centro do país, apesar de ter repercussões por todo o país. Então eu já estava lá, porque até o interessante, é que quando eu termino o nível médio, que era só poderia vir ao ensino superior em Maputo. Na altura, o dirigente lá da província dizia, há guerra, não temos avião, então todos vocês vão se preparar para guerra e aí, aproveitam caminhar para Maputo. Essa forma caricata para mostrar que a guerra era forte. Mesmo lá, eu, não sei por que, meus colegas de outros níveis, eles, foram, passaram por essa formação militar, tinham que ir para escola e depois tinham que ter aquela formação militar para estarem prontos, para qualquer eventualidade.

Bom, eu. Eu não sei. Risos... Não sei porque mas nunca fui chamado para essa formação militar, o que se tinha lá era um campo... mais é..era obrigatório, só que, houve, exclusões não é, não é exclusões como tal..me parece que a decisão lá foi, aqueles que estavam no último ano, a decisão é que iam sair, então não tinha interesse estar envolvidos naquilo, porque, para os outros níveis abaixo, ainda estavam lá, tinham que se formar para garantir a segurança lá do lugar, era essa a ideia. Eu estava no último ano de curso.

O que acontecia aí, é que eram convidados os militares dos serviços que vinham dar a instrução aos alunos, num campo lá, um campo grande que existia lá, e até curiosamente era próximo do lugar onde eu morava. Não tínhamos ideia do que acontecia.

A seguir o mesmo docente faz um elogio ao projeto de Educação da FRELIMO

AHMB- O que para mim, fica claro, é que, de certa maneira, o governo da FRELIMO, ele já estava estabelecido. E já estava, ocupava toda estrutura que garantia o funcionamento do país. Yeah! Então, não era nenhum problema de estudar aqui e estudar ali, até porque isso eram garantias que a FRELIMO fez, e até acho quem estiver a falar mal disso, posso dizer que é mal-agradecido, por garantir o ensino para todo mundo. E em qualquer lugar do país. Então, a escola era muito fundamental, e a FRELIMO garantiu para todo mundo, quer no nível das instituições formais, quer, que são as escolas aqui, mas até aquilo que foi alfabetização dos adultos, os adultos tinham que ir aprender a escrever e saber ler. Esta ver, isso foi a FRELIMO que fez, então, não é a FRELIMO que cria problema, esses deslocamentos já existiam, já existiam e era normal, sair daqui ir estudar lá, não tinha nenhum conflito. PAHMB – Então, quer dizer, estudar foi uma questão tradicional entre aspas, quer dizer, já lá da família, a educação que se deu foi essa.. de ir para frente..Estudar. Yeah, não tinha como, porque até meus pais garantiam que eu fosse para ali, eles é que faziam esforços para que eu saísse lá da minha localidade para Nampula, para sair para Beira, etc., etc., tudo isso eles é que garantiam. Os meus irmãos também foram para esses caminhos, mas os destinos foram diferentes, porque, prontos, o nível, infelizmente.. até esse é o

¹ A Resistência Nacional Moçambicana, mais conhecida pelo acrónimo RENAMO, é o segundo maior partido político de Moçambique. O seu líder histórico foi Afonso Dhlakama.

capítulo da minha vida que eu não gosto de falar muito. Não tem problemas em gravar, que até resulta daqueles problemas que a família teve depois da independência, então, depois da independência, o que aconteceu é que os recursos que se tinha em termos financeiros, não eram aqueles que o meu pai herdou. Os meus irmãos na altura tinham um nível de escolaridade maiores que o meu. Mas, como a condição econômica, já não era aquela que conseguia garantir o avanço de todos. Mas aí é que eu sou o terceiro filho na minha família, antes de mim, eu tive duas irmãs, elas estudaram e bem, nesse período até depois da independência.

Outro docente traz sua visão da guerra, da RENAMO

PCMB- Durante a guerra mal se falava disso... um assunto, meu pai era, era, acho que até hoje é, nunca foi um grande adepto da revolução. Para ele a revolução tinha graves consequências, e isso criou, bom, nele, uma posição, não diria ante - revolucionária, mas outra posição, yeah!.. como é que eu vou, posso explicar, com mais moderação, não é? Ele achava por exemplo, que a guerra da RENAMO, a guerra civil tinha alguma razão de ser, embora fosse uma guerra muito brutal, muitas atrocidades, ele achava o melhor, tentar compreender o que a RENAMO queria, porque para RENAMO tinha alguma razão em fazer aquela guerra. Na minha casa as conversas, eram basicamente nesse sentido, e muitos que frequentavam a minha casa, eram desse tipo de argumentos que se achavam em minha casa. Era proibido e ele evitava falar com outros posicionamentos diferentes da RENAMO. A RENAMO tinha razões para fazer a guerra, lembro-me num dia a ouvir noticiário, porque na altura, não havia televisão, Yeah! a imprensa publicou algo referente a esse momento..não me lembro mais o que era..na Praça da Independência, a imprensa era controlada e manipulada pelo Governo. Assim meus pais de modo que... ele muitas vezes sintonizava uma estação de rádio que não sei qual é, provavelmente, fosse a BBC, não sei, deve ser... para ouvir o outro lado da história que não era publicizada. Mas uma rádio, que para ele era independente, dava uma informação mais isentas, dos acontecimentos, aqui em Moçambique na altura, e quanto toda propaganda que era veiculada pela Rádio Moçambique, ou pelos jornais governamentais, baseadas em Maputo, ele desprezava. Me lembro muitas vezes a ouvir essa rádio. Sim, guardo alguma memória dessas coisas. E a guerra. Chega a Maputo. Não, na capital, aqui onde estamos, na cidade de pedra, em Maputo. Mas eu... na casa dos meus pais, aqui em Maputo, fica numa zona chamada Matola, o Bairro da Liberdade..lá chegou a guerra com força total. Matola fica a 12 quilômetros daqui da Universidade Eduardo Mondlane, num dia do domingo de manhã, a conduzir, eu levo menos de 30 minutos, menos de 20 minutos, dessa casa dos meus pais para o centro da cidade, e essa zona foi devastada pela guerra. sim, sim, chegou a 12 quilômetros daqui, portanto, chegou neste sítio. Eu morava, nunca fugi desse sítio, sempre morei nesse sítio. Ora, o que aconteceu era que, houve momentos altos dos ataques da RENAMO, mas houve momentos em que as forças do governo controlaram a situação...isso sempre aconteceu, sempre vinham, os ataques eram sempre feitos à noite, nunca vieram e permaneceram de dia lá na zona, vinham, faziam ataques noturnos, saqueavam as lojas, pouquíssimas vezes, entravam em casa das pessoas para raptar ou roubar. Podiam ficar um mês sem voltar, ou dois ou três dias, arranjavam outro dia e voltavam, havia muita instabilidade. Nunca me pareceu que a RENAMO queria prejudicar a população civil. Se eles quisessem, matar

a população civil, o matariam. A guerra foi para reivindicar direitos da população e questões da política. Por exemplo, que eu me lembro, escola dali nunca sofreu algum ataque, do meu bairro onde cresci. Normalmente... nunca, nunca, isso afetou a minha vida.

Mais um depoimento sobre a guerra, a FRELIMO e a escola da FRELIMO

TM- Já..em 1979, eu fui para Escola Secundária de Ribawe, que era uma escola do partido à Frente de Libertação de Moçambique- FRELIMO. E foi uma experiência, também, boa, curioso, nessa escola que já tinha, uma tradição da luta de libertação nacional, havia professores moçambicanos brancos, professores da Alemanha do Leste. Eu, na verdade, era, havia alunos seniores, que ficaram professores também, mas que era um processo de transição. Eu tinha a impressão em outras escolas que se haver um professor branco estrangeiro, era uma exceção, ali, era quase regra. E, aí, eu aprendi muito, aprendi muito profundamente o que era a FRELIMO, quais eram as dinâmicas dum processo revolucionário dentro de uma escola da FRELIMO, como é que era aquela atuação, aquela escola foi um enxerto da atuação do período de libertação, lá do movimento de libertação para ali. Era para essa escola que traziam os filhos dos combatentes. Era escola dos filhos dos combatentes e alguns dirigentes, mais sobretudo de libertação ... eu não sei qual seria a política, política de não perder aquele perfil de pessoas, pela orientação política de lutar pela libertação. Hoje penso nisso, naquela altura a escola tinha essa função. A escola da FRELIMO, dizia, eu, os filhos dos dirigentes, ou de alguns combatentes, mas, eu acho que eles não queriam que aquilo se diluísse tão depressa. Aquele grupo, aquele núcleo, ou que não se sentissem perdidos, porque saíam do campo, para as cidades, podia haver um grande choque, e aí, há casos em que houve grandes choques, colegas meus, que eram, saíram do campo para a cidade, um deles teve um acidente e morreu, porque, ele, embebedou-se com a cidade, não sei se seria essa a ideia, se nós fizermos uma investigação, é uma curiosidade minha.

Porque, agora tenho uma linha para investigar também, porque é que se fazia escolas da FRELIMO, afastadas, com regime de internatos... muitas vezes!! Posso agradecer essa pergunta colocada. Silêncio...

A guerra 16 anos sim, mas nessa altura ainda não se falava de guerra, começou-se a falar de guerra em 1982. A guerra começou, guerra de guerrilha nem, guerra..guerra e sim guerrilha, é muito traiçoeira, nunca se sabe onde a pessoa vai atacar, então, aqui no Maputo, a guerrilha chegou as portas do Maputo, a Matola já tinha indícios de desestabilização, as pessoas não estavam muito confortáveis. Uhum, ao redor da cidade, aqui Marracuene, Manhica, no princípio toda província de Maputo já havia casos e notícias de pessoas mortas, pessoas em confrontos militares, em Gaza... Inhambane também havia, mas era muito, é difícil explicar, é preciso falar com mais pessoas para explicar isso melhor..te falo o que ouvi nesta altura. Outra pessoa quetivesse mais consciência desses fenômenos nessa altura. Não sou a pessoa mais acertada para contar isso. Foi um desafio para Samora e não perder o espaço, e depois teve uma guerra interna, porque aí, para essas ações da FRELIMO, que está no poder com a população, e isso afeta diretamente a Educação. Educação e todo desenvolvimento econômico e social, porque na guerra dos 16 anos, Moçambique perdeu, esta degradação social, e essa degradação política. É reflexo dessa guerra. Mas o que é que

acontece, numa revolução é assim, há pessoas insatisfeitas, então, porque Moçambique, era um país de orientação socialista, era um país que lutava pela libertação da África do Sul, do Apartheid. Moçambique era um país que apoiava muito a guerra do Zimbábue. E lutava pela libertação, do Roberto Mugabe. Então, havia todo um esforço na região para desestabilizar Moçambique. Inclusive externo. Sim, nós tivemos muitos ataques do Apartheid aqui, vinham de noite, matavam pessoas, ou vinham lançavam bombas, é verdade. Do mesmo modo, então, eu li muitos artigos que dizem que o partido Resistência Nacional Moçambicana - RENAMO nasceu como um dos braços, um tentáculo do Apartheid da África do Sul e do Ian Smith do Zimbábue, que recebiam dinheiro para fazer a contrarrevolução. Feliz ou infelizmente, o partido RENAMO cresceu os africanos, que foram contratados por eles para fazer isso e foram ganhando consciência do multipartidarismo, eles não concordavam com um partido único. A RENAMO pensava com o socialismo ou comunismo, eles queriam que houvesse eleições, nós começamos a ouvir mais tarde, o que eles queriam na verdade, era o poder... eles atacavam, porque o governo de Samora Machel, era contra o Apartheid. Era mais ideológico.

Este docente faz um percurso diferente dos outros no pós guerra. Viveu o período da guerra, mas como estudante, fez licenciatura na UEM, mestrado, e entra na instituição como pesquisador

CMB- Durante o período que fiquei dois anos no ensino primário do 2º grau, quando estava fazer a 6ª, o 6º e o 7º ano, havia sempre palestras, aos sábados com o comissário político, o comissário político era um militar, e a escola, dava-nos notícias, do que estava acontecer, em relação a guerra... membro do governo, a dar informe, sobre os avanços do governo e as maldades do inimigo. Sim, informando a população, e informava-nos tudo, quantos bandidos tinham sido mortos, desarmados, e tal e tal, sobre os bandidos armados, os B. A, como se diz. Depois 1997 vim para aqui na cidade, vim fazer o exame de admissão, havia muita concorrência...e passei.

Exame de História, primeira intenção era fazer a Licenciatura em Economia. É, então fiz exame de História, Português e Matemática, eu devia ter notas positivas para Matemática e Português para entrar na Economia. Não.. não consegui uma nota boa para Matemática, mas consegui uma nota boa a História e a Português, então entrei no curso de Sociologia. Então é o... o que segui até fazer a licenciatura aqui em 05 anos. Sim. E sou licenciado em Sociologia. E, na UEM exerci alguma atividade profissional porque meus pais não tinham muitas condições para financiar os estudos, mas também, tive um subsídio do Estado, a partir do 2º ano, tive um subsídio financeiro para sustentar os meus estudos, e foi muito útil na altura. Mas ao mesmo tempo, eu trabalhava num jornal, que eu exercia lá na minha cidade... era uma associação juvenil, que eu fazia parte, não era muito estável do ponto de vista financeiro, eu escrevia nessa altura. E, também nessa altura, um emprego um jornal de notícias. Notícias de vários acontecimentos, um jornal, como outro qualquer, todos éramos estudantes. Éramos estudantes de vários lugares, no mesmo lugar, de várias faculdades daqui da UEM na altura. E dava-nos algum rendimento na altura.

Em 2003, termina o curso e eu candidatei-me para uma bolsa de mestrado, fora do país. Em Portugal, em Lisboa. Não tinha nenhum vínculo trabalhista com a UEM. Um antigo professor meu, aqui na licenciatura, que, convidou-me para o curso que ele tinha e dava aula nesse curso lá em Lisboa, esse meu

professor, dava aulas aqui, é moçambicano. Ele tinha parceria no Centro de Estudos Africanos em Lisboa. Em 2007, Yeah !!. Nesse centro, eu chego, tenho aulas normais de mestrado e depois, eu tenho uma bolsa, atenção que eu saio daqui, tenho uma bolsa do governo português. Sim, havia uma instituição na altura chamada, Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, chamava-se IPAD, já está extinta. Eu tinha uma bolsa nessa altura, e vou para lá ao abrigo dessa bolsa, e faço o curso e depois faço pesquisa e entorneço-me por uma área da Ciência Política, não é, que tinha a ver com comportamento eleitoral, isso já foi em 2004, quando venho, faço uma pesquisa sobre comportamento eleitoral, em particular o terceiro momento nas eleições de 2004. E pronto é nessa área que eu defendo, que eu faço o meu trabalho.

O primeiro momento eleitoral foi em 1994. E o segundo em 1999. O meu retorno para cá foi em, em 2006. Quando chego a Maputo em 2006, eu não tenho emprego, mas, não havia tanta crise de emprego como há agora. Risos... 2006 estou desempregado, chego de Portugal e consigo emprego numa fundação chamada, Fundação para Desenvolvimento da Comunidade, silêncio... Fundação para Desenvolvimento da Comunidade (FDC), consigo, o trabalho lá, no âmbito duma investigação que estava sendo feita na altura, em coordenação com um centro de pesquisa chamado, Centro de Investigação na Manhica e essa é uma zona que fica aqui perto, a 80 km da cidade de Maputo. Manhica, e a pesquisa correu bem de fato, e, portanto, eu trabalhava aqui e ia para essa zona fazer o trabalho, era um projeto que acabou em 2010, em 2009 acaba e é quando eu me candidato a uma vaga que havia aqui no Centro de Estudos Africanos, e sou admitido via entrevista. Analisam o currículo. Assim, eu integro esse grupo de pesquisa, como eu vinha dizendo, o trabalho, era um trabalho temporário. E depois consigo uma vaga aqui, e a vaga era para um investigador assistente. Só para fazer pesquisa, entretanto, eu consigo a vaga aqui na universidade e consigo essa vaga de investigador. Eu não sou professor aqui na universidade, sou investigador, embora dê aulas, a minha carreira, a minha carreira para progressão é carreira de investigador.

Não, não é diferente, mas, há pessoas dentro de uma universidade que seguem a carreira de investigador. Mas dão aulas, os professores que seguem a carreira de ser professor, também fazem investigação, não é, mas há duas carreiras académicas aqui na universidade, a carreira de investigação e a carreira de docência. Na verdade, e eu estou a fazer a carreira de investigação, e não de docência. O professor Ngunga e quase a maioria daqui, estão a fazer a carreira de docência e não de investigação. Mas para mim também, estou na carreira de investigação, para eu ser promovido, também tenho que provar que dou aulas, não vou ser promovido se não der aulas, mas as carreiras são diferentes, eu não sou professor, eu nunca vou ser professor assistente, investigador assistente, depois vou ser investigador auxiliar, depois vou ser investigador coordenador, depois, não sei mais lá a frente que já nem sei, se calhar vou morrer antes de chegar. Risos..e dou aula desde 2009.

Este docente viveu a experiência de ir para o exército e aqui detalha um pouco mais suas experiências e suas reflexões

AHMB- *Por causa dos níveis de desenvolvimento, as estratégias são as mesmas, mesmo aqui, se privilegiou muito esse grupo que vem da frente, da luta armada para independência, esse grupo até hoje, a crítica que anda aí...*

até hoje é que a FRELIMO, é que estão ganhando os benefícios do desenvolvimento nacional.

No tocante ao exército especificamente, o que se sucedeu foi quase isso, nós os últimos que participamos nesta última guerra, não ganhamos nada. Por isso que eu não pensei duas vezes, entre retirarem algumas regalias, tem algumas coisas que eles dizem, isso sim, isso sim, que está aí, mais para a posteridade, quando eu estiver reformado, talvez, tenha alguma regalia. A justificação é essa! Que não há condições económicas para satisfazer a todos, então o que digo, honestamente e não tenho nenhum problema, é, afirmar que a minha vida ela, ela melhorou substancialmente, depois que eu saí do exército, isso, não tem como, porque sou eu que vivo isso. Mesmo quando eu estava lá, tudo bem, o país é pobre, em qualquer exército, há essas diferenças entre aqueles que são do exército terrestre, e aqueles que são de outros ramos. E o ponto mais alto, que é considerado de que é uma força de elite, é a força aérea. Então, os pilotos num exército, quer dizer, percebe-se, pelos, não só pelas regalias, mas pelas condições de vida que eles têm em relação aos outros ramos, e aqui, não tinha nada disso.

VB – Só era força aérea. Risos...

AHMB – Aqui era tudo igual, só, ser tratado como gente, aqui era tudo igual, tudo bem, não vou, dizer que era falta de consideração, não sei quais eram, o que é que estava por detrás disso, porque, o que nós víamos, eram os oficiais superiores e esses que vinham daquela geração, lá, todos eles tinham regalias, mas outros grupos, até do meu grupo alguns morreram, por falta de condições de vida, aquilo de você estar a viver, não tem isso, não tem aquilo, ter uma vida degradante.

São essas questões que começam, bom, mas então nessa altura, quando eu estava no exército e eu fazia parte dos pilotos que tinham que garantir a segurança e o transporte dos altos responsáveis do Estado. Era o Chissano. O presidente Samora acabava de morrer, e entrou o presidente Chissano, e eu pessoalmente, vivi com esse pessoal todo, daqui para aqui, eram férias. Risos... mas, em termos de condições, eram aquelas que tinham, por isso que não pensei duas vezes, entre continuar aqui só por causa disto e aquilo, e sair ir fazer a minha vida, eu prefiro fazer a minha vida.

Já desde, por volta de 92, quase quando eu estava no 2º ano do curso, então, já fazia esses trabalhos, aqui e lá. Então, quando eu termino a faculdade, já em noventa e.eee? Silêncio... e seis, noventa e sete, é por aí, é só vendo no currículo, está tudo lá, mas enfim, é nesse período de 96 e 97 que eu termino a escola como tal, a faculdade, então fico um período desse administrativo, fazendo aqui, fazendo ali, mais sem um vínculo formal com a universidade e o meu vínculo formal, ele acontece em 99, tanto eu me desvinculo definitivamente do exército e tenho um contrato já formalizado com a universidade. Mas o meu trabalho, aqui, fora de ser estudante, ele começa muito antes de 92.

Dentro das discussões sobre as carreiras seja de pesquisador, seja docente, especificidade da Universidade pesquisada, aparecem abordagens sobre as pesquisas desenvolvidas... abaixo uma importante reflexão sobre a ética das pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas.

TM – *A minha visão, o que optou obviamente a trabalhar em ética, ética, porque, porque eu, eu, a minha função, o meu projeto grande aqui no centro africano, é criar um banco de dados orais de histórias de vida, esse é o meu projeto – mãe. Agora, eu tenho que salvaguardar alguns aspectos, o que eu vivenciei ao longo das minhas pesquisas que fazia muitas vezes, e as pessoas diziam que o texto oral é anônimo, provérbio anônimo, será? O direito desse conhecimento, do saber, é um saber tradicional. Uma peça de arte levada para o estrangeiro, as pessoas dizem é popular, então, a minha luta, sendo acadêmica, sobre os saberes tradicionais, é criar a consciência do respeito pelas fontes, dos saberes e dos objetos que nós vamos buscar em nome do anonimato, não. Alguma pessoa me disse, e essa pessoa, merece respeito do conhecimento e tem benefícios a ganhar, porque eu posso levar para um museu internacional, ganho muito dinheiro, e não digo nada a comunidade que me deu, eu acho que, tem que se combater está mentalidade. Eu não sei como é no Brasil, é, mas, li uns artigos interessantes da Austrália, em que há também essa consciência, que aparece na minha pesquisa, eu também vi, que havia esse problema de consciência no Gana. Porque eu acho que, é preciso pensar na nossa fonte, como nós que trabalhamos com ciências sociais e humanas, nós trabalhamos com fontes. É preciso dignificar as com fontes, e é preciso respeitar e criticar essas fontes, respeitar, criticar e se possível, e compensar essas fontes, isso é fundamental, como ética, como profissional. É só isso que tenho a falar muitos não concordar com o que eu te disse naquele momento... foi momento de guerra e luta do povo.*

Outro docente relatando sua trajetória aborda a pesquisa desenvolvida, e destaca nesse contexto, como a língua local foi importante para o estudo

CMB- *em 2007, Yeah !!. Foi quando começam as atividades. Nós, tratava-se de uma pesquisa sobre a introdução de um gel. Na verdade, tratava-se de uma pesquisa sobre prevenção de HIV. Então, como se tinha concluído que havia problemas no uso do preservativo e de outros métodos de prevenção, ah, esse grupo de investigadores, achava que seria previamente necessário, fazer um estudo para a introdução de um gel vaginal. Um gel que as mulheres haviam de administrar e prevenir contra a infecção do HIV. Foi uma experiência extraordinariamente, interessante para mim, porque faço a pesquisa aqui em Maputo, em dois sítios, e nessa zona a 80 quilômetros, numa zona rural. Manhiça. Na minha pesquisa anterior à docência atuei com as mulheres sexualmente ativas, são maioritariamente jovens, né? Dos 16, mais ou menos até os 47 anos. Recrutamos um, já não me recordo mais ou menos o número, mas um grupo de mulheres, nessas idades, e nós entrevistávamos essas mulheres sobre a sexualidade, Yeah!. Não era muito fácil, no início abordar essas questões de sexualidade para algumas são tabus, algumas não gostam de falar, pura e simplesmente, por vergonha. Exatamente, falta de conhecimento, ou falta de vontade de falar de si mesma. E sempre se colocaram essas questões ligadas a tradição, não e, e eu por sorte, sou uma pessoa daqui que fala a língua local. Por isso consegui*

que algumas pessoas ficassem à vontade para falar disso comigo. Não era completamente estrangeiro. Risos...

VB- *Fale me sobre o Kutchinga¹. Aqui na região isso é coisa natural, valor da região e, nas escolas parece que não aceitam muito bem, discutir isso, acham como uma tradição. se fosse uma coisa do passado.*

PCMB- *O que eu saiba o Kutchinga é feito sem proteção. Então, se é uma relação sexual desprotegida, a possibilidade de haver transmissão é muito grande, falava-se muito disso, no meu trabalho. Sim, pois a kutchinga para as mulheres é, em algumas tradições, é obrigatório.. Risos..*

Para concluir... a reflexão do docente que faz um apanhado de todo o período e serve, justamente, como conclusão, para este capítulo

AHMB- *Yeah!, estou a perceber que sou um homem que viveu no período colonial... vi a independência e hoje no país livre Moçambique, enfim, o primeiro momento que precisamos de reconhecer a nós mesmo, e até talvez, esteja interessado em viver na nossa sociedade, aqui, é que, de fato, **a FRELIMO, ela conseguiu criar, o que tinha no projeto chamado Homem Novo:** criar, uma identidade, que não resulta de todos aqueles laços lá, sanguíneos, etc., etc., não resulta disso, por culpa desse momento político depois da independência (grifo da autora). É moldar uma identidade, que é de moçambicanos, porque, nessas escolas depois da independência, nós tínhamos Educação Política, como disciplina. E essa disciplina era mais, antes de mais, era ideologia, era mais que tudo com mobilização para o projeto ideológico que se tinha.*

*Por isso que essas gerações que andam aí, são polémicas, mas estão aí, temos um grupo que ficou famoso, que é o 8 de Março, o **8 de Março** marca isso, que eram estudantes que estavam a ser formados, até com níveis inferiores de escolaridade, da universidade e do secundário, e que foram obrigados a ir prestar serviços para o Estado. E eles assumiram isso, na altura podia estar, sem compromisso, mas, hoje, eles já reivindicam aquela posição. “**nós somos daquela geração**” (grifo da autora), porque fizemos isso mais aquilo.*

Então, esse homem aí é diferente do passado do outro, então temos isso, que, e daí essa, esse sentimento de pertença a pátria, moçambicanidade de que ele é isso. Então, para dizer o que, o nosso confronto hoje, o nosso maior desafio, é, reside nisso, que não é só na área da docência ou da pesquisa, em qualquer área de atividade, o nosso desafio é essencialmente esse, que estamos perante uma identidade que foi cultivada durante esse período que nos apela para os valores nacionais, essa moçambicanidade, o ser eu, moçambicano, ne, e que lá entra em conflito com todos esses valores que se chamam de racismo, tribalismo, regionalismo, etc., todas essas coisas. Portanto, você pode encontrar um moçambicano negro, em qualquer esfera de atividade, ele se orgulha disso que ele é, se ele estiver colocado frente, se estiver em conflito com um branco, você pode reacender que a primeira reação dele é de querer se reafirmar, e isso é muito forte... é que a FRELIMO, conseguiu criar nos negros moçambicanos, esse orgulho e essa identidade. Bom, isso é muito forte, por isso que os brancos que temos, não conseguem lutar contra isso, e não tem como, por isso que temos esse tal racismo, que está lá, ele é latente aparece, com algumas, alguns sintomas ali, aparece de facto, mas, o receio é aquele, você tem toda uma estrutura que vai até ao Estado que não protege todas essas atitudes; então, por isso que estamos assim.

Então, agora, os desafios que temos, já não são contra o outro, que nesse caso, poderia ser o branco, o desafio está entre nós, porque, isso já conta com o capital de cada um, etc., etc., e de facto isso se faz sentir muito, porque o resultado, que é obvio, o resultado, é que você pode ser docente, pode ser pesquisador ou sei, não sei lá, mas, a guerra é sempre se vincular, principalmente as esferas do poder para ver se você se mantém.

Todo o processo de libertação nacional trouxe experiências marcantes, seja do ponto de vista pessoal, seja profissional, mas fez um importante papel de construção e reconstrução nacional.

5- Considerações finais

A pesquisa partiu do depoimento de 07 (sete) docentes da Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique, primeira universidade pública do país, que vão narrando suas experiências num contexto de guerra, ímpar, e que a partir deste conturbado momento vão construindo suas carreiras docentes. A maioria como professores inexperientes, que vão se fazendo docentes no percurso, mas em todas as narrativas a guerra sempre presente.

As narrativas vão descortinando a história de Moçambique e sua luta pela liberdade e para implementar um novo projeto de modernidade, de uma nova sociedade e de um Homem Novo. Isto a partir da visão de jovens que vivenciaram e ajudaram a fazer essa história. A dialética do saber/fazer - fazer/saber - acontecendo e descortinando nas narrativas sobre Africanidades.

Importante pontuar que apenas alguns elementos, contextos políticos, territoriais, de uma nação e registros da história aparecem, pois a partir da história oral, não é possível falar da história em diferentes contextos de forma aprofundada. Nem houve a pretensão de fazê-lo.

A riqueza do vivido perpassa desde a infância, o convívio com a família, dentro de um contexto colonizado e cerceados pelos portugueses, passando pelo momento em que a guerra eclode e como isso impacta suas vidas de diferentes formas. Cada um a seu modo tem a trajetória de vida mudada, de certa forma, pelo momento de reconstrução do país e do importante momento de construção da nacionalidade moçambicana.

A desafricanização imposta pelo colonizador é amplamente exposta nas narrativas e um importante capítulo da história. Os docentes mostram como as línguas maternas sobreviveram e ainda se fazem presentes, apesar da imposição da língua portuguesa. A própria divisão da população em “assimilados” e “não assimilados”, em escola para brancos e escola para pretos, revela a aculturação imposta e enriquece o debate sobre o racismo e o preconceito.

A riqueza de uma formação profissional transnacional é revelada nas trajetórias de graduação e pós-graduação, na maioria dos casos, intercalada com o ensinar. Mostra como a UEM já nasce e renasce madura intelectualmente, no pós guerra.

O desenvolvimento dos sujeitos pesquisados vai do plano social para o individual, plano este em que os docentes apresentam uma versão singular e personalizada, cultural, social e históricas em que estavam inseridos. Cada docente teve uma construção pessoal a partir das experiências vivenciadas nas interações sociais que mediarão a formação docente passando a orientar, transformar e intervir na prática. O plano individual foi deixado de lado em nome do coletivo, do social, para atender o chamamento da pátria. Houve uma ruptura.

A pesquisa que tinha como ponto de partida "promover a discussão das relações étnico-raciais" foi mudando seu rumo... dois exemplos a seguir, a partir dos depoimentos de dois docentes:

TM - Isso não é muito forte para nós. Os brasileiros quando chegam aqui vem falar de movimento negro. Aqui isso não é o que temos ou tínhamos como luta. Aqui estamos em outro contexto diferente do modo de ver e entender dos brasileiros. Não que não tenhamos racismo ou não aconteça.. mas não é da maneira como os pesquisadores chegam e querem tratar essa questão... somos um país de negros...quero tratar das nossas histórias... que é nossa! Ela é muito forte, é um movimento muito forte. Mas, também vejo...Yeah! pessoas que se distanciam desses movimentos. Isso é uma realidade, eu vivi muito isso. Eu vejo certos grupos, como é que a pessoa aceita aquele papel permanentemente, um papel sempre subalterno de humilhação. De humilhação, é verdade que retrata uma realidade, e em vez de fazer a viragem, perpetua. Não é tão, então é preciso entender que, são números, são focos de vivência que fazem entender os processos sociais, não é?

CMB- Você consegue perceber por que acho que as investigações do Brasil sobre as questões étnico-raciais, ligadas à África, trata-se de um grande equívoco?

A partir da riqueza da história oral, onde vida pessoal e vida profissional se entrelaçaram com a história de Moçambique e sua luta pela liberdade pode-se escrever uma história de africanidades e docências. A voz de cada um conta mais que uma história pessoal, conta a história de uma nação.

Segundo Paulo Freire

o processo de libertação de um povo não se dá, em termos profundos e autênticos, se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de "pronunciar" e de "nomear" o mundo. Dizer a palavra enquanto ter voz na transformação e recriação de sua sociedade: dizer a palavra enquanto libertar consigo sua língua da supremacia da língua dominante do colonizador. (FREIRE, 1978, p. 135)

Cada voz trouxe uma lição de vida, de nacionalidade e profissionalidade ímpar.

6- Referências

ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. *Modos de leitura de alfabetizadoras: história, memória e representação*. 2005. 218f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004. Brasília: MEC, 2004.

BRITANNICA. Conferência de Berlim. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Africa> . Acesso em 01/07/2025.

CABRAL, A.A.P. 1925. *Usos e costumes dos indígenas da província de Moçambique*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. São Paulo: Contexto, 2000.

CIÊNCIA Hoje. Conferência de Berlim e o mito da partilha da África. Jan/Fev 2022. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/conferencia-de-berlim-e-o-mito-da-partilha-da-africa/> . Acesso em: 01/07/2025.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 173p.

GIL VICENTE, J. RELAÇÕES DE PODER EM MOÇAMBIQUE: CULTURA JURÍDICA E POLÍTICAS EDUCACIONAIS EM CRISE. *Revista Ratio Iuris*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 271–287, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rri/article/view/69031>. Acesso em: 29 maio. 2025.

GOMES, NILMA Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2000.

GONÇALVES, Luiz A. O.; SILVA, Petronilha B. G. *Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas*. *Educação e Pesquisa*, v.29, n.1, p.109-123, jan./jun. 2003.

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida.2000.268f.Dissertação(Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2000.

GUEBUZA, Armando Emílio. A Geração de 8 de Março Antes e depois. Fundação Armando Emílio Guebuza. 08 mar, 2004. Disponível em: <https://faeq.org.mz/2024/03/08/a-geracao-de-8-de-marco-antes-e-depois/> . Acesso em: 30 de maio de 2025.

LOPES, A.J.1999.*The language situation in Mozambique*. In Richard Fardon and Graham.

LUZ, Narcimária. O Patrimônio Civilizatório Africano no Brasil. In : SANTOS, Joel Rufino (org). Negro Brasileiro. *Revista do Patrimônio e Artístico Nacional*. n° 25, 1997, p.199-209.

MANDLATE, Celso Daniel e SOUZA, Josefa Eliana. Samora Machel, presidente engajado na educação em Moçambique um recorte da sua governação entre 1970 e 1975. Universidade Federal de Sergipe. DOI: <https://doi.org/10.18616/ce.v10i1.5324> . Acesso em 30/05/2025.

MAÚNGUE, Hélio Bento. Mulher moçambicana: cultura, tradição e questões de género na feminização do HIV/SIDA. In: Dossiê Mundos de Mulheres 2021: Pensamentos Feministas Afro-Moçambicanos <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n168328>. Acesso 02/07/2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA.1988. *Memorando sobre as línguas nacionais de Moçambique*. Ministério da Cultura. Maputo.

MONDLANE, E.1969. *Luta por Moçambique*. Livraria Sá de Costa Editora. Portugal

MOÇAMBIQUE. Portal do Governo de Moçambique. Moçambique. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Moçambique> . Acesso em Jul de 2012.

MONDLANE, Augusto José. *Proposta de implantação de um sistema de avaliação de desempenho docente para a Universidade Pedagógica de Moçambique*. 2007. 157 f. Dissertação. (Mestrado profissional em Administração) Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, SP, 2007.

MOORE, Carlos. Apresentação à nova edição. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.) *A matriz africana no mundo*. Coleção Sankofa: Matrizes africanas da cultura brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2008.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NGUNGA, Armindo and Názia N. Bavo. *Languages Use and Practices in Mozambique: An assessment of language vitality in six districts*. Coleção As Nossas Línguas IV: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM. Maputo: 2011.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Das culturas tradicionais africanas. In: SOUSA Jr., Vilson Caetano. (Org.) *Nossas raízes africanas*. São Paulo: Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, 2004. p. 117-123.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA-MONTRONE, Aida Victoria; JOLY, Ilza Zenker. *Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais*. Anais da 32ª. Reunião da ANPED. 2009. GT Educação Popular. (CD – ROM).

PORTAL Diplomático. Conferência de Berlim. 2020. Disponível em: <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/conferencia-de-berlim> . Acesso em: 01/07/2025.

PORTARIA no 317/1917, 10 de janeiro. In Boletim Oficial da Província de Moçambique. Lourenço de Marques: Moçambique

POSSE, Lúcio Dionísio Pitoca. Heróis da luta de libertação nacional e a ideia de nação nos discursos do Presidente da República de Moçambique Armando Guebuza. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (ISSN 0254-1106). Volume: 122, 2020. p. 97-118. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/10682> . Acesso em: 30/05/2025.

RELATÓRIO: Alburquerque.Mouzinho de. Moçambique,1896-1898, Lisboa: Manoel Gomes,1899. p.15.

RITA-FERREIRA, A.1972. *Povos de Moçambique: História e cultura*. Porto: Afrontamento.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Entre o Brasil e África: construindo conhecimento e militância*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. 176p.

_____. A palavra é... africanidades. Belo Horizonte: *Presença Pedagógica*, v.15, n. 86, mar./abr. 2009. p.42-47.

TAIMO, Jamisse Uilson. *Ensino superior em Moçambique: história, política e gestão*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo: 2010.

TEDLA, Elleni. Indigenous African Thought. In TEDLA, Elleni. *Sankofa: African thought and education*.New York:Lang,1995. p.11-41.

ZIMBICO, Octavio Jose. História, política e educação: o novo modelo de escolarização primária em Moçambique. *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 67-76, jan.-abr. 2019. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.1.28623>. Acesso em: 30/05/25

..

.

O SENHOR É O DEUS DA SABEDORIA”.